

Comédia

Semana de
CRITICA
POLITICA
ARTES, LETRAS,
COSTUMES

PORTUGUEZA



Director: MARCELINO MESQUITA
PUBLICA-SE A S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR: Antonio da Fonseca e Sousa
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: T. DA BOA HORA, 39
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO: Typ. e lith. R. de Sousa & Salles, R. N. do Loureiro, 25 a 39

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros)	15000 reis	Brazil, anno (52 numeros)	25500 reis
Semestre (26 numeros)	8500 reis	Africa e India Portuguezas, anno	15000 reis
Cobrança pelo correio	5100 reis	Estrangeiro, anno (52 numeros)	15500 reis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39, 1.º



DR MIRANDA AZEVEDO

DR. MIRANDA AZEVEDO

Augusto Cezar Miranda Azevedo, medico distincto, deputado federal, representando o Estado de S. Paulo. E' natural de Sorocaba onde nasceu em outubro de 1851.

Tem desempenhado varias commissões scientificas no estrangeiro.

E' dos mais antigos republicanos brazileiros e foi presidente da camara dos deputados de S. Paulo.

E' pois um brazileiro illustre que nos honramos de collocar na galeria da *Comedia Portugueza*.



CASOS E COISAS

A restauração de Portugal

Em 1640, uns bravos que não olhavam para os homens do paiz visinho, positivamente como nos olhamos para as mulheres, tiveram a idéa de os despedir da sua longa visita de sessenta annos e, um dia, ao jantar, atiraram-lhes com os pratos á cara, voltaram a meza do banquete e arremessaram-nos pelas portas e pelas janellas.

Este facto, que pode parecer, á primeira vista, de uma indelicadeza espantosa, tem todas as côres d'uma bella acção, quando se pense que os portuguezes entravam no banquete para servir á meza, d'onde os haviam tirado a força.

Ora a lucta pela vida é uma verdade incontestavel e fatal: demais os hospedes comiam como uns desalmados e os pobres creados limitavam-se a escorropichar os copos ou a engulir sorratamente alguma batata frita, no caminho da cosinha para a casa de jantar.

Isso era triste, e como a paciencia tem limites, um bello dia levantaram-lhes a mangedoura, como se costuma dizer, furaram uns, esfollaram outros, e esta coisa foi chamada a Restauração de Portugal.

Qualquer pessoa pode imaginar, nada é mais facil, o que é uma restauração. A restauração d'um café, por exemplo: — portas pintadas, bancos novos de palhinha, mezas polidas, tecto estucado de novo, etc.

Pois n'um paiz é, ou deve ser, a mesma coisa, e creio bem que o foi. Portas novas não se fizeram porque seriam muito grandes e dispendiosas: o tecto é ainda o mesmo, porque é o que Deus, na sua alta bondade, concedeu a todos os parvos, com a impossibilidade de lhe tocarem, aliás estaria, a estas horas, caído!

No resto, Portugal, devia ter ficado um encanto:

Rei novo, ministros todos cá de casa, serviço nosso, enfim.

A meza poz-se novamente, e, para cumulo de vergonha para os hospedes ingratos, a agua dos manjares e d'outros misteres foi fornecida pela raça mais trabalhadora de Hespanha — o gallego!

De então para cá, com a Restauração, os freguezes alluíram, os negocios duplicaram, as minas desfizeram-se em ouro, e assim viu-se o dinheiro entulhar o erario, para se transformar em conventos brutaes, em arcarias gigantes de aqueductos, em thermas, em reconstrucções, em presentes fabulosos.

O luxo appareceu com todas as cerimoniaes e paramentos do seu culto externo: os golpeados dos gibões golpharam flocos de sedas, as mais finas no tecido e na côr; as rendas mais custosas afogaram os collos e os punhos dos cortezaos; mais tarde as perolas enfileiravam-se estranguladas nas abotoaduras dos compridos colletes de setim; o ouro, a prata, os metaes preciosos revolviam-se nos arabescos ornamentaes, nos floreados embutidos dos espadins curtos, do melhor aço toledano; as sedas do Oriente caíam em festões de prégas ladeando as janellas arqueadas dos palacios fidalgos; os tapetes da Persia forravam commodamente os largos salões, cheios da luz que enchia de estrellas os cabellos negros das patricias, cravejados de diamantes do Novo Mundo.

O ouro corria em ondas; incontestavelmente a restauração fóra completa.

Os hospedes expulsos pasmavam! Nunca tinham imaginado que a preza valesse tanto. Mudaram de tactica, deozeram as armas e comecaram a mandarnos bilhetes de visita no dia de annos, saudades por algum portuguez que lá ia, carta de parabens quando o pequeno fazia exame, uns galanteios, uns requiebrs, portuguezito para aqui, portuguezito para alli, um namoro de mil diabos. Nós a resistir... a resistir, de olhar desconfiado, sorriso desdenhoso nos labios, mãos nos copos da espada. Nem bilhetes, nem cartas, nem piscadellas de olho, nada!

E cá dentro a voz da patria, surda, espertalhão, inabalavel: bem vos conheço irmãosinhos, não pode ser, não ha dinheiro trocado!

Ha pouco, porém, um portuguez traidor, porque os ha, (Camões, Luziadas) foi a Hespanha, e depois d'uns copos de manzanilha, estonteado pelo olhar d'uma mañola, descaiu-se, deu com a lingua nos dentes, perdeu-nos!

Ah! que fraco nos temos, disse elle.

Que tal! perguntaram os descendentes comilões com os olhos afogoados pelo desejo de saber.

— E' cá uma coisa.

Diga, diga.

Não sei se...

Entre amigos velhos, então?

— Querem saber o fraco?

— Sim, sim.

— As...

— As touradas? interromperam.

— Não, nada d'isso.

— Então, então...

— As... hespanholas.

O diabo que tal disseste, o revolução mil vezes terrivel!

As mulheres, sim as mulheres, o amor, a loucura, a perdição...

Portugal, és nosso!

A coisa marcha; as cartas de namoro já tem resposta; mandam-nos um abraço, e nós, em resposta, um chôcho! Perdidos, ai, fatalmente perdidos!

De mais o governo hespanhol não se esquece um instante d'esta conquista. Todos os mezes o ministro da guerra pergunta ao ministro do fomento: — o que se tem feito com relação a Portugal?

— Caro collega, no mez ultimo foram enviadas para Lisboa quinze Pepas e trinta e nove Lolas.

— Acho pouco, pouco variado. E' preciso mandar-lhe tambem Carmens, de que elles gostam muito, e Conchas e algumas Dolores.

— O nosso emissario anda por Sevilha e Cordova, veremos o que traz agora.

— Olhe, de vez em quando, é preciso exportar uma

ou outra companhia de zarzuela, do peor; você bem sabe que ficam lá todas; mas é ganho, a união faz-se lenta mas seguramente. Ah! sr. Pinto Ribeiro, sr. Pinto Ribeiro, ha de pagar-nos o arrojo!

Eis, caros patricios, porque nos sentimos resvalar para a servidão; porque sentimos nos pulsos a prisão dos grilhões tão habilmente postos, porque cantamos malagüeñas a sonhar!

Patriótica «Primeiro de Dezembro» cobre-te de crepes! Portuguezes sem confeição, tremei! o anjo das grandes agonias cobre com a sua aza negra os destinos da patria Parvonia! «Madame est... mourante»!

* * *

Amigos e vizinhos, estaes completamente enganados, isto variou muito, sois uns namorados parvos.

Ha 202 annos que este estabelecimento foi restaurado, suppondo como deva estar. Nojento, meus amigos, immundo. Os *bancos* quebrados, as paredes sujas, chove como na rua; dinheiro pede-se e não se paga, cães por todos os lados, freguezes nem um; a corrupção, a immoralidade por toda a parte.

Uma miseria geral, a exploração odiosa e tolerada, o roubo legalisado e impune.

Uma bambochata, um delirio, uma pandega. O extremo do ridiculo misturado ao horrivelmente tragico.

Não agiteis a agua, não vos debruceis no namoro, deixae-nos apodrecer.

.....

Ouvis o trombone, ouvis? tremei!

E' a trombeta do nosso Josaphat que chama os mortos da revolução. Mortos surgi! fazei-nos o favor de pôr na rua estes hespanhoes ca de casa!



Conselho de amigo

Vae um conselho assizado
A todo o que tem derricko;
Mas, como não sou letrado,
Não levo nada por isso.

Se acaso te der na zoina
De contrahir matrimonio,
Deixaras de ser estroina,
Faz-te irmão de Santo Antonio.

Quando tiveres um filho
Dá-lhe carinho e agasalho;
E sempre papas de milho
Na falta da assorda d'alho.

Se filhas tiveres quatro
Castiga-lhe as caramanhas;
Não as leves ao theatro,
Mette-lhe a agulha nas unhas.

Se a tua mulher sempre anda
Pedindo às modas regalo,
Observa-lhe que quem manda
Na capoeira é o gallo.

Se tens filho que se mette
A marinhar no Parnaso,
Dá-lhe data de cacete
E não addies o caso.

Se tens pequeninas rendas,
Como quem diz — poucos bens,
Deixa uma herança de prendas
E gasta tudo que tens.

A' procura . . .

O Ex.^{mo} sr. Governador Civil acaba de permittir que a Revista do Anno A' *procura do badalo* que fóra representada dezenas de vezes, e prohibida depois, possa ser novamente representada mudando-lhe o titulo.

Prohibida a Revista como pornographica, conclue-se, que, pelo menos, a maior parte da immoralidade estava no titulo.

Por exclusão de partes fica sabido que a palavra indecente é a palavra badalo.

Empregada até hoje pelos escriptores mais suaves e mysticos como Fr. Luiz de Souza, acaba de ser condemnada pelo index (dedo) inquisitorial de Sua Excellencia.

Ficam pois avisados todos os escriptores que a definição dos dicionarios é falsa d'hoje em diante, e que sua excellencia o sr. Pereira e Cunha enriqueceu a synonymica burlesca do calão nacional, com mais um termo.

Sendo pois indecente a palavra, quanto mais o não será o objecto. Ora esse objecto esta ahí, á vista de todos, pendurado nas torres, dentro do bojo dos sinos. E, depois, não se limita a estar quieto; não senhor, esta sempre as marradas, a fazer barulho, como quem diz: «ca estou eu» — olhem que belleza!

Nas egrejas... ainda por cima!... Senhor Governador, abaixó os badalos!



Tribulações

Um desgraçado professor primario
E, por signal, que se chamava Meixão,
Sem ter em que podesse dar ao queixo,
Roeu a capa inteira a um dicionario!...

D'outra vez perguntou ao boticario
Qual a maneira de abrandar um seixo;
E se a ramada ahí de qualquer freixo
Lhe daria o conforto necessario!...

Fez sopa de piteiras e de cardos,
Almooou um molhinho de chicoria
Fez ceia d'uns engacos de bastardos!...

E, para rematar a horrenda historia
Digna das lyras de estupendos bardos,
Enguliu d'uma vez a palmatoria!!!



Portuguezes é chegado. . .

Toda a alegria portugueza se resolve hoje n'estas duas affirmações de sachristia: o *Te-Deum* e o foguete de arraial! O *Te-Deum* é o sorriso de satisfação interior, composto e discreto, da nossa sociedade; o foguete é a sua gargalhada alvar e escancarada.

Um candidato ministerial vence uma eleição? *Te-Deum*.

A therapeutica consegue concertar os rins avariados de Sua Eminencia? *Te-Deum*.

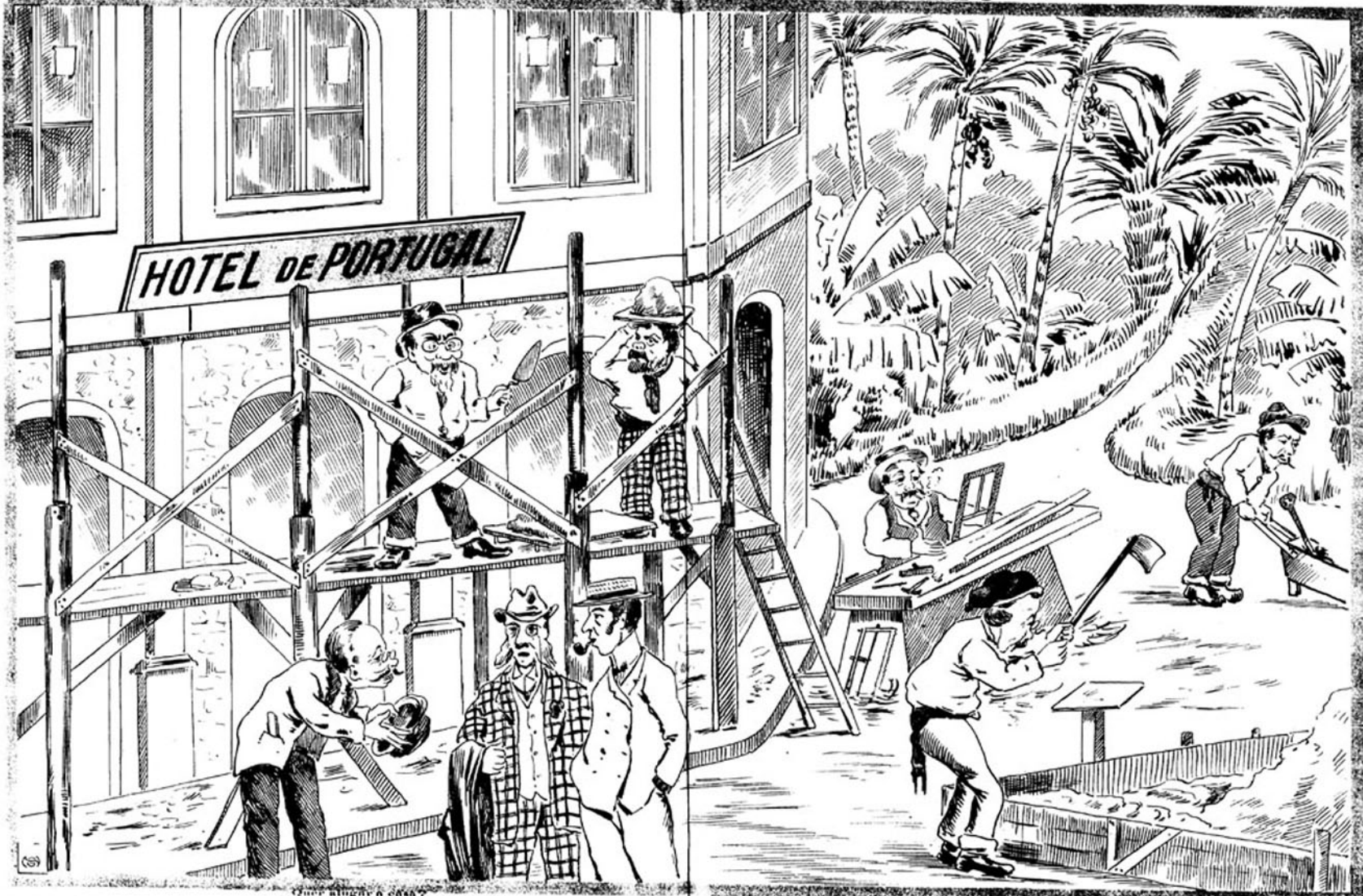
A Providencia digna-se mandar chuva aos nabaes? *Te-Deum*.

O Arroyo fez um discurso na camara? *Te-Deum*.
A esposa do conselheiro Acacio dá um menino á luz? Foguetes e *Te-Deum*.

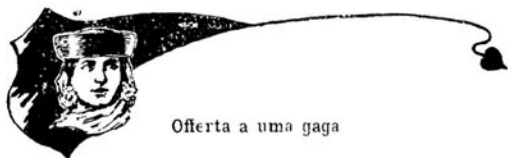
E andamos n'isto.

Se não fosse tão profundamente idiota, era divertida esta nossa sociedade portugueza!

HOTEL DE PORTUGAL RESTAURADO



© 1911 King & Co. P.
O inglês: - Nada quero ao os Jardins.



Offerta a uma gaga

Toma lá um soneto e nada de *tristeza*.
Volta p'ra cá, risonho, o teu fagueiro *olhar*;
Se a paixão, como vês, está já tão *aceça*.
Deixemos a cantiga e vamos-nos *casar*.

Tu és boa a valer! prodigio de *belleza*
A quem meu coração não temo de *entregar*.
Porque já conquistei a íntima *certeza*
Do valente fervor com o qual te hei de *amar*.

Iremos habitar lá para Santo *Antão*.
E do nosso viver os dias *passarão*
Sem que nos possa o mundo *alcançar* de *estafermos*.

Toda a tua vontade eu juro *adivinhala*:
E juraras também de dar apuro á *fala*
Do grande batalhão de filhos que *livermos*!



Alexis Cretchet

Como accusado de ter mettido na mala, varias estampilhas de um colleccionador hespanhol, e de ter abalado com tudo, mala e estampilhas, em viagem de recreio que a policia transformou, foi julgado Alexis Cretchet, rapaz de verdadeira distincção e tal poder attrahente que até o advogado além de o defender de graça, lhe pagou ainda o jantar, no dia do julgamento. E foi absolvido.

Podéra. Elle contou toda a sua vida, o pobre rapaz e de tal modo appareceu desditoso e martyr que se aquillo é um conclave em vez d'uma audiência, estava antes de morto, talvez, na lista dos bemaventurados do calendario christão ou russo.

Mas como n'este paiz, tudo é differente do resto do mundo, acontece o caso curioso do príncipe ser absolvido para ser preso.

Como nihilista dizem. E deve ser, porque a falta de respeito pelas cabeças dos reis, que ornam as estampilhas, só pode explicar-se pela adoção de principios destruidores.

Toca para a Siberia e fique-lhe de emenda, que os reis só podem ser vendidos pelos seus cortezãos e ministros, sem que d'ahi resulte mal para os vendilhões. Os particulares esses nem gravados em quadradinhos de papel — vulgo estampilhas — os podem negociar.

D'ahi vê a differença dos resultados; o senhor vai para os gelos e pregam-lhe um numero na gola da blusa; elles vão para o pantheon da historia e pregam-lhe uma comenda na lapella da casaca.

E' novo, aprenda, sirva-lhe a lição. Se quer continuar no modo de vida faça-se, primeiro, ministro; tem intelligencia e ar para mais; se tal não pode fazer-se, então, mude de rumo, vá... para um convento!

Oração ao nabo

Hortalica innocente, amigo nabo.
Agradas ao velhote, ao novo, ao gebo,
Acompanhas a pinga, quando a bebo,
E quando de prazer todo me babo.

Não és píteo p'ra ceias de nababo.
Lá isso ha muito tempo que eu percebo;
Mas tens cabeça: e mais do que um mancebo
Não consegue esse dom levar a cabo!...

Andas por 'hi d'um triste burro em riba;
E chegas a fartar fome de lobo
D'um miseravel e mal pago escriba!...

Teu louvor cantarei por todo o globo.
Das irmãs todas te porei arriba...
E não temo a rezar passar por bobo!...

Hypnotismo

Referem os jornaes, com raro pasmo, que um medico de Lisboa, chamado para tratar uma senhora, que n'um ataque histerico, não fallava, nem podia comer nem beber, a hypnotizou «dando-lhe immediatamente a fala e a facilidade de comer e beber!»

Fica a gente a pensar o que ha aqui de extraordinario: se o medico, praticando, no seu dever, um acto simples da profissião: se o hypnotismo por se ter dignado continuar a ser um processo therapeutico!

Se o distincto medico chegasse a casa d'esta senhora e «do manto negro sacudindo a chuva» lhe dissesse, estendendo o braço sobre o seu leito, em gesto de Nazareno percorrendo as ruas de Jerusalem: «mulher fala!» e ella falasse, bem. Comprehendia-se o pasmo! Mas não, o doutor, foi simples homem de sciencia, empregou o hypnotismo como podia recorrer a outro qualquer agente: onde esta aqui o maravilhoso?

Mas então o que pensam os senhores acerca dos serviços dos medicos? Para que imaginam que servem estes sujeitos? Temos então muitos mais factos a registar e que eu peço venia para lancar nos annaes da historia.

Ha um medico em Lisboa, que chamado para tratar uma senhora, de febres intermitentes, conseguiu cural-a em dois dias, fornecendo-lhe — vejam que miséria! — umas simples grammas de sulfato de quimino!

Um outro despertou o appetite d'uma menina com uns granulositos de quassina.

E ainda um outro que deu a fala a um menino, cortando-lhe o freio!

E' preciso não esquecer estes medicos extraordinarios, que se empregam — a tratar doentes!

Se é, porém, ao hypnotismo que se dirige o louvor respeitoso, a admiracão, eu peço aos jornalistas espartachicos o favor de dirigirem tambem as suas odes, — ao quimino, a quassina e ainda aos canivetes do sr. Lisboa.

A' menina dos olhos tortos

Menina, que este peito me atravessas
Quando aos olhos me mostras tantas graças,
Os beijos que tu dás sabem a passas,
E valem muito mais que loiras pecas!

Vamos d'aqui á feira de Caneças,
Ensaando d'amor ternas chalacas;
Bebamos, não por copos, por cabecas,
Até que elle subir possa ás cabecas!

Não saber beber bem é *river morto*.
Arriscar-se ás tórturas das maleitas,
Não encontrar na vida um só conforto

Bem vejo que não és das mais perfeitas...
Mas que me importa a mim esse olho torto,
Se tu sabes amar tanto ás direitas?!!

Padre Nosso caixeiral

Patrão nosso, que estaes a apitar
Por não verdes na loja um freguez.
Não deixeis uma vez de nos dar
O ordenado no cabo do mez.

Sejam feitas as nossas vontades
De podermos ir ver o Guerrita,
De podermos falar ás bealdades
Que nos compram tres metros de fita.

Perdoae-nos os nossos peccados
Como nós perdoamos os vossos;
Augmentae nossos vis ordenados
P'ra não termos a pell' sobre os ossos.

Não deixeis que, ao domingo, sejamos.
Odaliscas mettidas no harem.
E, em chegando o Domingo de Ramos,
Dae propinas a todos. Amen.



Esquadra ingleza

«Foi participado no arsenal da marinha que os contingentes dos navios da esquadra ingleza, que iam assistir a missa na igreja dos Inglezinhos e na protestante da rua da Arriaga, a Santa Izabel, não desembarcavam no arsenal, mas sim no caes de Santos.

Efectivamente, pelas 8 3/4 da manhã, os escaleres da esquadra aportaram ao caes de Santos e de Alcantara. D'elles desembarcaram os marinheiros, que se dirigiram ás duas ditas igrejas. Em Alcantara desembarcaram somente 40 praças, que foram juntar-se ás outras que desembarcaram em Santos, para, em formatura geral, marcharem para o indicado destino.

Vinham em numero de 380 praças, sendo 300 catholicos e 80 protestantes. Aquelles que foram ouvir missa aos Inglezinhos eram commandados pelos tenentes de infantaria de marinha Trockmorton e Ozanne. Os protestantes eram commandados pelo tenente Curtis.»

Ora nós que andamos a imitar costumes inglezes, nos collarinhos, nos casacos, nas botas e nas luvas, porque não os imitamos tambem em coisas sérias e dignas?

Vivem, como se vê, no mesmo gremio civil, protestantes e catholicos. A liberdade de consciencia permite-se, como é de justiça, ao humilde soldado. Em Portugal prendeu-se e castigou-se um pobre recruta porque não era catholico! Diferenças que ha entre um paiz de cretinos como é a Inglaterra e um paiz de genios como é Portugal!

Diferença de criterios entre o cerebro de um lord Balfour christão e de um padre Farinha... coisa nenhuma.

— ❦ —

MOTE

*Beijinhos dados em pretas
Sabem a umas ferraes*

GLOSA

Pequerruchas de lunetas,
E' de neve o vosso rosto,
Mas tem muito melhor gosto
Beijinhos dados em pretas:
Se ellas nos cravam as settas
Sempre a chaga sangra mais;
Os seus beijinhos são taes
Que fazem cair a baba,
Dão prazer que não se acaba,
Sabem a umas ferraes.



Diuna de Lys

Acaba de representar-se em D. Maria II. a peca de Dumas Filho, com o titulo acima.

E' um caso de adulterio, quer dizer, é uma peca que se passa entre a mulher, o marido e um amante, como todos creio eu, e não consta que se possam passar entre outros cavalheiros.

Dá-se o caso do marido matar o amante com um tiro de revolver.

Ora essa?!

Sim, senhor.

Então não foi prohibida a peca? Consente-se que o sr. Dumas se venha metter na nossa vida? Um estrangeiro de mais a mais!

O' censura dramatica! o rica prenda, o bebedea, accorda!

Trindade

O *Major Donzella* faz carreira, e com toda a justiça. Não nos importa saber o que era a peca em francez, se mais graciosa (quer dizer mais chula) ou mais subtil. Como ella esta, atora um ou outro gallicismo, tem graça, tem enredo, e diverte sem offender.

Encarnou-se no major o actor Mattos, que personificou bem o official honesto, o homem casto no vigor da vida, o caracter simples que ainda se não baixara as liberdades da caserna e as aventuras de bordel, e que por isso mesmo é alvo permanente d'escarneo d'aquella sociedade pervertida. Representou o bem, e mostrou mais uma vez, que foi uma boa acquisição para a Trindade. Estimaremos vel-o em papeis, que exijam menos riidez no typo e mais plasticidade na voz.

O coronel foi bem representado por F. Costa; Santos excellente; Gomes bem, mas precisa de menos emphase e de olhar menos para o publico. Os mais regularmente, aparte Delphina cantando bem como sempre, e... um casal de pombinhos que no segundo acto iam caindo desfallecidos no duetto d'amor, alias extenso e monotono, olhando para a platêa em vez de cuidarem um do outro...

A musica ouve-se com agrado, a orchestra bem.

Gymnasio

Esqueceu-nos, sem tenção d'injusticia, falar do sexteto na ultima noticia que demos d'este theatro. Este distincto grupo d'artistas continuou honrando-se e honrando a Arte pela forma quente e sincera por que interpretam a musica.

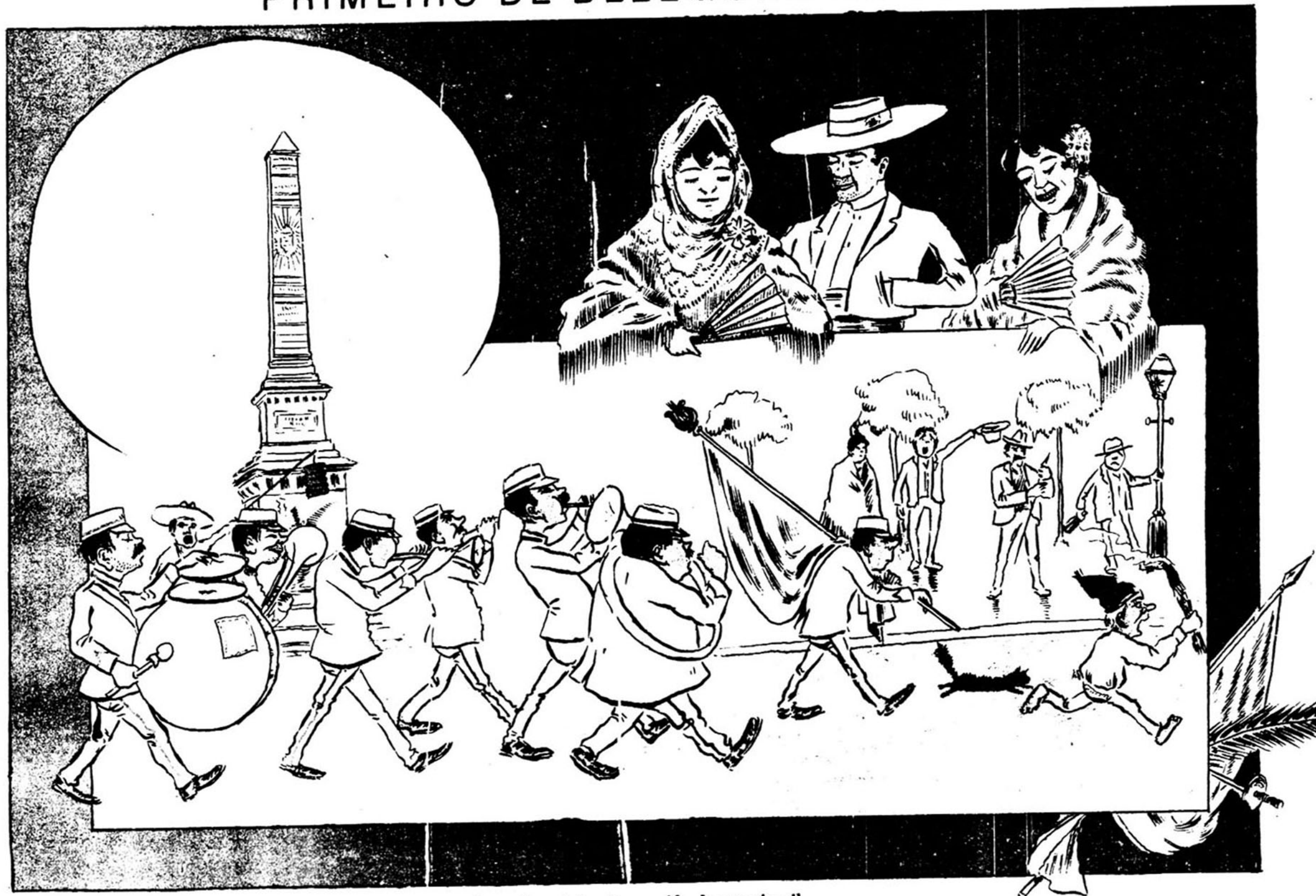
Pena é que o publico seja insensivel ou pareça indifferente á belleza d'aquella execução. Ainda bem que o *Illustrado* publicou o retrato dos distinctos artistas em homenagem ao seu indiscutivel talento.

Príncipe Real

Estreia-se brevemente n'este theatro o distincto actor José Alves da Silva, portuguez de origem e de coração, que fez uma brilhante carreira no Brazil.

E' um espirito muito plastico, que está tão á vontade no *João José* e na *Morgadinha* como no *Kean*. Nada mais diremos senão que o seu incontestavel talento é sobredoiado por um nobre character. Felicitemos a empresa do Príncipe Real por tão boa acquisição.

PRIMEIRO DE DEZEMBRO DE 1902



Amor da patria não movido de premio vil



DIRECTOR - MARCELINO MESQUITA
 PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR Antonio da Fonseca e Sousa REUACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO T. DA BOA HORA, 39 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO Typ. lith. R. de Souza & Salles R. N. do Loureiro, 25 a 30

ANNUARIUM (PAGAMENTO ADEANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 1\$000 reis	Brazil, anno (52 numeros)..... 2\$500 réis
Semestre (26 numeros)..... 5500 reis	Africa e India Portuguezas, anno .. 1\$000 réis
Cobrança pelo correio..... 3100 reis	Estrangeiro, anno (52 numeros)..... 1\$500 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a TRAVESSA DA BOA-HORA, 39, 1.º



Caça ao operario



— Vinha pedir a Vossa Reverencia... sem trabalho... sim, sou do Centro...
 — Não só de pão vive o homem... leve este roziario, reze-o e verá como se sente bem!

CHRONICA

CASOS E COISAS

A cidade vaccina-se.

Lisboa começa a dar-se ares de pessoa sensata, cuidadora de si, da sua saúde e da sua vida.

E' verdade que é preciso metter-lhe medo; mas seja como for, é certo que o grande braco da cidade, que eu faço representar os milhares de bracos dos seus habitantes, se tem dado a lanceta penniforme ou a agulha com uma coragem digna dos bons tempos heroicos.

Um regalo para os medicos, e para as vitellas suissas cujo poder aureolado, corre o paiz como uma salvacão, não na agradável forma do meio bife, mas na simples gotta, virginal. — como diria um poeta d'hoje — gotticula de soro.

E n'estas occasiões que os medicos são grandes homens. Pela vida adiante ninguem repara n'elles, a não ser para os humilhar, os encher de settas de graças e de ironias.

E' assim.

Lá fora, pela provincia, não ha memoria d'um medico ter salvado um doente.

Nunca!

Quem os salva — os doentes — e por isso recebe, vellas, peitos ou pés de cera, conforme o sitio onde se alojou a doença é, por via de regra, Nossa Senhora dos Afflictos.

Não é só n'estes sitios que o mal se aloja; mas é bom dizer que um pudico cuidado, não permittiu ainda a modelagem da offerta, estrictamente representativa de todos os orgãos sobre que o Ceu lhe apraz lancar as vistas medico-complacentes.

Mas se a nenhum doente o medico salva, não consta que morra algum sem que seja o medico que o mate.

E' de notar que esta creença é sempre espalhada pela amizade obsequiosa dos collegas.

Pelo mundo, no viver quotidiano, esbarramos, dia a dia, com phrases epigrammaticas de sujeitos de alta reputação scientifica, homens de sorriso superior, de voz grave e ouvida com respeito.

Elles sabem historias a proposito de todas as doenças: uma pessoa dada por morta pelos medicos e a quem um amigo salvou com sanguesugas nas fontes: uma outra cega de nascença a quem umas velhotas das suas relações curaram com uma pomada muito antiga... Já o pae d'estas senhoras a usava para doenças d'olhos. Trouxera-a do Brazil, na volta, com D. João VI, que por signal a usara nas hemorroidas... etc.

E mil casos que os graciosos repetem ora comicos, ora mordentes, sempre que a nossa profissão lhe apparece na figura d'algum de nós, desejosos de fazerem figura, do apoio das rizadinhas maliciosas dos circunstantes, na esperanca de nos verem titubear, córar, perder as estribeiras. Esta é, porém, a troca inofensiva, digna dos nossos bons sorrisos e de que nos vingamos — diga-se de passagem — na primeira occasião em que a morte os fita, fazendo-os engulir, tizanas e triagas, e, não raro, pespegando-lhe na lombreira indefeza ou no humilde cachaco — o caustico vingador.

Apanhem.

Porque, de resto, os medicos são hoje em Lisboa

adorados, desde que deram com a máneira de acabar com a tuberculose, coisa, que pelos calculos deve viver ainda uns quinze ou vinte dias.

Não lhe damos mais, a ella e ao ministerio.

Esta adoração traz-lhes a capital ás ordens, braços e pernas. Ha uma nuvem de seringas no ar. Não se ouve se não esta conversa:

— Já foste furado?

— Eu não e tu?

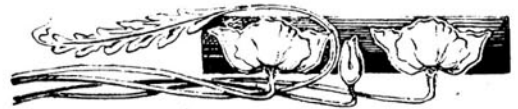
— Eu, amanhã.

— E, lá, em caza?

— Lá em caza, todos.

Anda toda a gente seringada e toda a gente contente.

O que é o poder da sciencia!



A uma mulher vaidosa

Pedes-me que te faça uns versos dedicados

A tua mocidade; e ella já vae fugindo!

Demais tu deves vér, que uns versos delicados

Precisam respirar algum amor infindo...

E, filha, deves vér-me cheio de razão

Dizendo, quando estás toda afogada em prantos,

Que amor não podes ter no pobre coração,

Depois que o deste já tantas vezes e a tantos,

Mas dizes-me sorrindo que me tens amor

E queres-me obrigar a força a fazer versos...

Pois julgas tu poder apagar esta dor,

Que já me sepultou no mundo dos perversos?...

Enganas-te mulher!... D este immundo monturo,

Onde só vive a dor, o vicio e a mentira,

Só me pode arrancar um amor alto e puro,

Que me faça pulsar uma mais alta lyra.

Mas em verso eu confesso alguma compaixão,

Que por ti sinto, quando choras e entristeces;

Vou dar-te algum abrigo no meu coração.

— Entretanto, mulher, eu sei que o não mereces! —

Junho — 1922.

FRANCISCO PASSOS.



Os Humbert

Andam ha dias, entre nós, dois policias francezes a tomar informações, a escogitar, a farejar os Humbert. Nada de novo ao que parece. O mundo é grande e os Humbert não apparecem.

Fiasco para a policia franceza a quem aconselhamos o *truc* da nossa.

Aqui, quando se dá um crime sensacional e que depois de longas buscas — como sempre acontece — não se encontra o criminoso, agarra-se o primeiro sujeito de boina ou sem ella e prega-se com elle no Limóieiro. Salvou-se a honra do convento.

Se a policia franceza quizer adoptar o processo aconselhamos-lhe um passeio pela Arcada ou pela rua dos Capelistas.

Encontra-os, verá!

Bexigas

Lisboa é invadida p'las bexigas
Como a não assaltada pelas vagas;
E desde o Alto do Pina até ás Chagas
Estremecem formosas raparigas.

A medicina, mãe das geropigas,
Inventa espantossimas theriagas;
Recorre a bruxaria ás artes magas,
Esconjuros aos mil, cruces e figas.

Os senhorios andam todos gagos.
E rezam lá nas suas synagogas
P'ra que não seque a mina dos seus bagos

Menino Virtuoso! as tuas drogas
Nos venham acudir n'estes estragos...
Senão ficamos a dizer das bogas!!!



Microbios

Em todos os seculos e em todos os tempos, a velhice foi considerada como um castigo tremendo. Por mais que a poetizem, que lhe exhalcem as cans e lhe offereçam respeitosas homenagens, ella é, e será eternamente o pezado da vida!

A morte, tirados os logares communs dos sentimentalistas que nunca viram morrer ninguem; despojada dos horrores d'além tumulo que os phantazistas tem evocado e espalhado pelo mundo em horas de hypochondria lugubre, é comparada com ella, a velhice, o mais delicioso factio da vida, o termo dulcissimo d'um ancian continuo, o descanso, enfim, d'uma existencia em que todas as illuzões se perdem, todos os sonhos se esvaehem, todas as forças se esgotam!

A morte produz uma massa inerte que apodrece na nconsciencia das coizas; a velhice um Tantalos que se torce na consciencia do supplicio.

Ora, como o final de todo o martyrio é necessariamente um bem, antevê-se muitas vezes a morte como um desejado premio.

A extrema velhice, que arrasta o homem pelo mundo, na indifferença d'um vegetal caçado, tem para a morte um sorriso amigo, de velho conhecimento que se ajustou encontrar, na estrada da vida e que se vê a marchar pelo caminho.

O mundo de hoje, o mesmo é que dizer o homem, porque mais conhece mais deseja; porque mais se elevou na escala da sciencia mais o seu espirito agita e absorve o desejo insaciavel! A figura do velho Fausto, sedento de prazeres, consultando os tratados da vida, as alchimias, os secretos arcanos das sciencias mysteriosas, é a nossa imagem de hoje, será a de nós todos, quando sentirmos na cabeça cair, dia a dia, a neve dos annos, levando por cada camada, uma faculdade, um poder!

E como os Mephistopheles já não fazem a graça de apparecer nos círculos magicos ás evocações, os velhos da sciencia, procuram no ar livre da experimentação o elixir da força, da vida, da mocidade!

E assim que nos apparece, em Vienna um medico aos 80 annos, dando-se ares de rapaz, pela descoberta que fez do elixir da juventude, que não está averiguado não seja a opera lyrica do visconde de Arneiro, mas que tudo leva a concluir que não seja.

A seriedade do grande professor leva-nos a poupar-lhe o epigramma do nosso riso.

A revelação do medico austriaco poz d'atalaia uma alluvião de interessados e sobretudo os moralistas que encontram n'ella, a realizar-se, um elemento grandioso para a consolidação da familia.

Mas como as grandes descobertas nunca veem sós,

apparece agora um outro medico a descobrir o microbio da velhice! Esta agora é mais séria.

Em medicina, como em tudo afinal n'este mundo, ha modas. Ha medicamentos da moda, doenças da moda, operações da moda, theorias da moda e até medicos da moda. Como para todos os actos humanos, á superficie da terra, é preciso procurar a mulher como causadora, assim hoje na medicina, para cada doença é preciso procurar um microbio. Ora, como ha doenças phisicas e moraes é necessario admitir que o amor, os affectos, a raiva, o prazer, estados anormaes, tem o seu microbio especial. Foram, decerto, identicos raciocinios que levaram um napolitano a procurar o microbio da velhice! O extraordinario, porém não é o medico tel-o procurado, é o tel-o encontrado!!

Que ignorancia ingenua de medico.

De ha seculos conhecemos esse senhor.

Vive do organismo, alimenta-se dos dias e dos meses, faz cair o cabello e os dentes, emperra as articulações, enfraquece a vista, dobra a espinha, enrija o ouvido, aniquilla os desejos, ossifica as cartilagens, enche de placas as arterias, desafina o coração! — Chama-se — anno.

Microbios terriveis os annos, meu caro doutor, para que é inutil procurar um remedio. Ignorava v. ex.^a a existencia d'este inimigo subtil ou está a trocar conosco?

V. ex.^a a matar o microbio da velhice deve elevar-se ás proporções de Josué mandando parar o sol; porque matar o microbio da velhice, o que equivale a matar o tempo, parece-nos um pouco mais difficil do que matar o bicho.

Não o acreditamos, francamente. Mas se te não enganias, bom velho, se tu estás destinado a ser o remocador, o Mephistopheles da nossa geração e futuras, tu podes contar que has de ter mais templos de que todos os santos e santas das côrtes celestes, e que as lagrimas de alegria que hão de cair sobre a tua seringa graduada, serão bastantes para fazer nascer da tua casa um grande rio, por onde possam buscar-te, em peregrinações interminaveis os velhos de todos os continhos — os Argonautas do amor e da Victoria!



Fala um ministro japonex

Pasta do meu amor que te *partiste*.
Deixando-me ás aranhas, *descontente*,
Fico a chorar por ti, *eternamente*,
Mais macambuzio do que o mocho *triste!*

Se a pincaros altos me *subiste*.
O enorme trambulhão mal se *consente*;
Dôr igual não se afoga em *aguardente*,
Pois que eu fui teu amigo, bem o *riste!*

Se esta lamuria pode *merecer-te*
O recordar a dôr que me *ficou*
Por te pôres na perna e eu *perder-te*.

Roga ao ditoso heroe que te *levou*.
Que sempre, sempre, sempre queira *ver-te*
Como a deixa quem tanto a... *sublimou!*



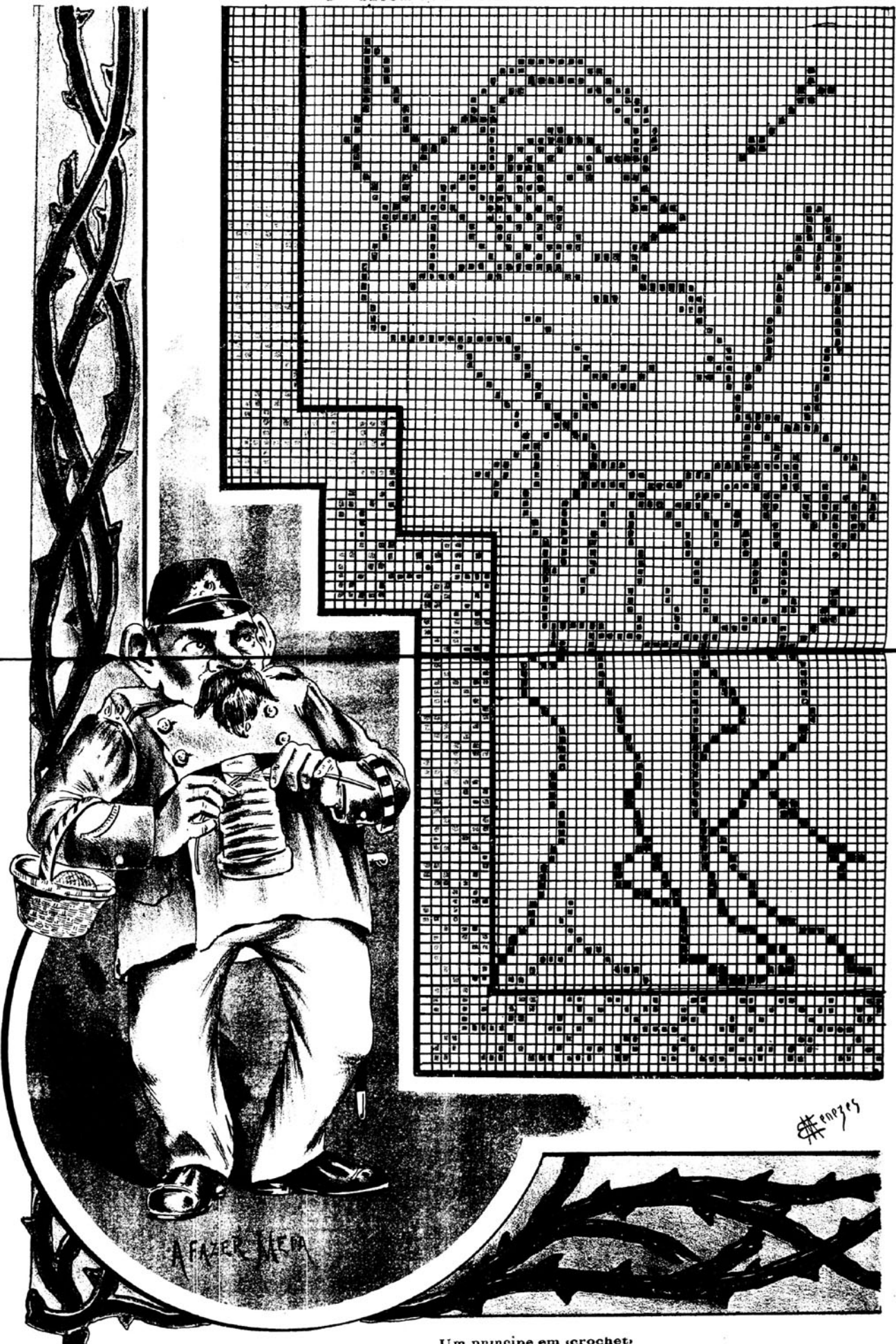
Escorvas

Em Lourenço Marques entrou em outubro um cruzador inglez. Salvou á terra; mas a respeito de resposta da fortaleza, era uma vez! Espantou-se o commandante inglez; mas mais tarde ainda se espantou mais. Um official portuguez foi a bordo do cruzador explicar que; não se tinha respondido á salva porque... se haviam acabado as escorvas das espoletas!

Consta que o official inglez, condoído, mandou dar ao nosso official dezoito vintens para... mandar comprar. É de justiça dizer que o official não accceitou.

E morreu o Offenbach!

O martvr da semana



Um principe em «crochet»

Graciosa

Que bonita que tu és!
Que graça, que formosura!
Que lindas, as mãos, os pés.
Os olhos, a trança escura!

Pela minha mocidade
Nunca vi tanta belleza.
Parece que a Natureza
Trabalha com mais vontade
E que cerceia á bondade
O que dispende em belleza!

Não digo que sejas má,
Nem o serás, quero crer;
Mas quem passou a soffrer
Todos os dias que ha.
Se duvida mal lhe irá;
Mas que duvide é de crêr.

Boa ou má conforme sejas
Deus te fade a formosura.
Que é um dom pra desventura
Possuir encantos taes.
Bella em tal plenitude
E' marca de desventura...
Que Deus te ponha a virtude.
Que graça tens tu de mais.

Monumento

Para o monumento dos Restauradores, que se ergue ao começo da Avenida da Liberdade, acabamos de vêr que o Brazil deu trinta e nove contos e Portugal a fabulosa quantia de duzentos mil réis! Os portuguezes de 1877 já se não achavam muito gratos ao Pinto Ribeiro e seus trinta e nove companheiros.

Duzentos mil réis para um monumento commemorativo da Independencia! Francamente... é o preço d'um enterro ahí de qualquer conselheiro.

Facam outro hoje e se arranjam 720 réis, olhem que estão com sorte.

O sr. Hintze a rir-se! O Pombal da Costa, tenha juizo.

Falar verdade

Eu amo o brilho d'esses teus olhares,
Tão singulares no dizer amor;
Mas gosto mais da costelleta assada
Quando ajudada do *briol* melhor!

Amo devéras o teu canto doce
Como se fosse o rouxinol d'além;
Mas gosto mais de ouvir cantar um fado
Repincado e batidinho bem.

Amo os teus versos que me dão confortos,
Embora tortos, como um pau do ar;
Mas as cantigas da Maria Ritta
Devo eu a dita de saber bailar.

Amo o poder-te acompanhar em valsas,
Rompendo as calças por maneira atroz;
Mas gosto mais d'um resonar profundo
Lá no Dáfundo deitadinho a sós.

Adoro as prendas que te são adornos,
Pintas contornos e mão firme tens;
Mas digo em termos de verdade exactos,
Que pintas gatos que parecem cães.

Manguiei contigo, *seductora imagem*,
Fui um selvagem que valia dois!
Desculparás o folgazão motejo;
Da cá um beijo... e vae dormir depois.

O Bonus Universal

Uma comissão de negociantes apresentou, em juizo, uma queixa, contra o *Bonus Universal*. Do intimo do peito nos sentimentos commovidos por mais esta prova de interesse paternal que os negociantes de Lisboa — os da queixa — acabam de dar pela nossa algebeira.

Aonde, afinal, se havia de ir anichar o espirito de Fr. Bartholomeu dos Martyres! o dadivoso, o curador dos pobres, o bom!... na classe commercial!

O diabo é que o laboratorio de analyses em 400 generos analysados achou 300 falsificados, no ultimo mez.

Parece-nos que a bolsa do estomago tambem deve merecer aos altruisticos negociantes o mesmo carinho do que a bolsa de coiro onde se guardam os patacos.

A verdade é, porém, que nem a bolsa de coiro, nem a bolsa do estomago merecem a estes senhores a mais insignificante attenção.

O que significa, então, esta massada de protestos, e até esta queixa em juizo, contra o *Bonus*?

Todos percebem: são os interesses dos cavalheiros que são affectados.

Suas senhorias não se servem das mais livres formas de negociar?

Que lhes importa os que querem negociar com o tal allemão?

Tem alguma coisa com isso?

Já é zelo, pela bolsa alheia.

A hypocrisia levada a tal excesso enoja. Facam lá os seus negocios e não se deem ares de zeladores dos interesses alheios: para santos tem muito cebo na manteiga e muita anhilina nos chouricos. Se quizessem ir bugiar e mais a sua philantropia era favor.

Que taes estão estes fiscaes da substituta da banha de cheiro!

Ora amigos... vivam!



Com sobrescripto a Alcobaça

Dizem que a nobre Alcobaça
Famosos pecegos dá;
Porém são de melhor raza
As raparigas de lá.

Appareça alguém que diga:
— Escolhe á vontade tua: —
Eu pego na rapariga,
E mando o fructo á tabúa.

O pecego tem carôco
Custoso de desprender;
Mas ellas... ai! que pescoco
Que eu desejava morder!

O pecego tem seu pello,
E quem o come que o sinta;
Ellas teráo seu *orevelo*,
Mas pello? está-se na tinta.

Sempre ao pecego pertence
Casca, que muito incommoda;
Mas menina alcobacence,
Essa, aproveita-se toda.

Pecego, se é de má raza,
Vem bicho que o atropela;
Donzellinha de Alcobaça
Não entra o bicho com ella.

Louvores, pois, a essa terra
Onde os frangos comem sêmeas,
Por que no seio encerra
Pecegos machos e femeas.

Caminho de ferro

O que eu desejava saber e era bom saber-se, — para levar a resposta ao homem — é se a tal concessão do caminho de ferro e suas abas, ao inglez Williams é realmente uma mina para Angola e duas minas para o paiz, ou se é simplesmente uma espiga para nós e a sorte grande para o inglez, que pelos modos, por sua finura, é aquelle celebre sir Williams, uma das incarnações do Rocambole.

Porque é já agora impossivel comprehender como o mesmo facto é considerado por uns como uma resurreição gloriosa e por outros como uma traição torpissima.

Concluimos, conselheiralmente, que uma nem outra coisa é, nem traição, nem resurreição e apenas um de tantos factos da nossa vida a que nos teem arrastado uma politica miseravel de homens de estado de uma inferioridade que orça pelo inverosimil.

Alguem não concorda e evoca as más qualidades a mesquinaria dos caracteres, filhos d'uma educação pantafacuda e ôcca... Pois seja por tudo, adeante.

Concedeu-se o caminho de ferro, porque se havia de conceder; com a manhã se ha de exigir tudo de nós e seja o que fôr com essa exigencia teremos de concordar.

Não ha amizades sérias e verdadeiras, com bandalhos, com pelintras, com fadistas.

Tudo isto tem sido Portugal oficialmente: assim o teem mostrado à Europa os seus ricos ministros de ha longos annos, esfalfados em luctas eleitoraes, em mi serias infimas, em bulhas de caça, em intrigas, em... bagatellas.

O facto horrivel, brutal, grave, é que não temos hoje no mundo o menor credito; ninguém nos liga a menor sombra de respeito. Quando um paiz foi collocado pelos seus homens celebres — e que celebres! — n'este vergonhoso estado, não tem, e não pode esperar se não a exploração alheia, quer ella venha envolta em abraços, em beijos ou em ordens.

Reaja, se é capaz. Insurja-se, levante-se; faça de gente, encha-se de brios e vera surdir-lhe pela prôa, n'uma cortezia diplomatica, a letra d'um ultimatum.

E andar para a frente, amigos. Agora sô ha esperar as migalhas, que cairem dos banquetes que tenhamos de dar, em nossa caça, e ir vivendo com ellas.

A situação é esta. Ser inglez hoje, allemão amanhã, francez no outro dia: é sêr o que fôr preciso e ir vivendo, explorando o corpo da patria, como um chulo porco o corpo da amante. Que importa ao biltre a nacionalidade do visitante que paga? O que é preciso é viver, regalado, apparentando de homem rico, de pessoa séria, de respeito. O mundo ri? O mundo é tolo.

O governo concedeu o caminho de Angola a um estrangeiro. São os capitaes estrangeiros que o vão explorar, entrar pela provincia e conquistá-la por processo pacifico.

Onde estão os capitaes portuguezes? Nos bancos e cazas bancarias do estrangeiro. Não são dez, vinte mil contos, são quarenta ou cincoenta mil ou mais. Isto esta averiguado e sabe-se quanto e de quem. O portuguez está pois ao lado dos governos em patriotismo; se furta o dinheiro a qualquer empresa e o esconde lá fóra, justifica a cendencia de regalias a estranhos. A terra é já hoje pequena para as necessidades e ambição dos povos. O socialismo começa no alto; a divisão do solo impõe-se; nas mãos dos fracos a grande propriedade esphacela-se. A corrente é esta? O que temos para oppôr à onda? Essa miséria de ha trinta annos, escripta nas paginas dos diarios das Camaras; essa chronica burocratica comico-tragica impressa nas folhas do *Diario do Governo*.

Dois monumentos que são a chronica de um povo; a explicação d'uma decadencia, a historia d'um crime! Embrulhae-vos n'elles grandes homens d'esta terra; e tu povo espera, porque o melhor está para vir e não virá longe.

**Trindade**

A *Toulinegra do Moinho* cantou bem, não ha duvida; e a empresa deve estar contente por a ter retomado, não pelos lucros do dia 28, mas pelo sincero entusiasmo que reinou n'aquella noite. Queiroz, sempre novo, deu um vigoroso Ahmed, vibrante como chefe e como patriota, cantando bem, a toda a voz; teve uma ovação. A orchestra e coros afinados, expressivos e firmes motivaram outra ovação ao maestro Nicolino Milano no fim do segundo acto, homenagem merecida pelo distincto artista, que está transformando aquelle theatro n'uma escola d'opereta.

Os outros artistas, quasi todos bem, salientando-se Delfina como Toulinegra. Gomes como um Agenor de primeira ordem. Isaura quasi sempre bem como Zelia e Cruz como Abrial. Quizeramos porém que Delfina fosse mais actriz, isto é, mais plastica, com mais cambiantes de sentimento, de voz e de acção nos lances dramaticos, e que Isaura se preocupe menos com a sua pessoa aliás provocante.

A musica é distincta e original, bem accommodada às suas situações, fina como melodia, rica e bem dividida por todos os naipes como harmonia.

Em summa, noite bem passada.

Príncipe Real

Enche-se o theatro popular por causa da *Tosca*, e porque a *Tosca* era Amelia Vieira... E ainda bem, que ella tem talento, força e vibração para aquelle papel a um tempo feminino, de galã, e tragico, de fera. Um bravo! Mil bravos!

Luciano, que pela primeira vez fazia o papel de barão Scarpia, saiu-se bem da empresa temeraria para um novato, e revelou-se actor: pisando bem, dizendo bem, sentindo fundo. Pena foi que exaggerasse no terceiro acto, quando propõe a *Tosca* o pacto infame: não precisa gritar para revelar paixão.

Cavarodossi coube a Valle, que andou regularmente, excepto no quarto a to, em que falhou muito, porque ficou molle, exactico, quando *Tos* a lhe disse que estava salvo! Parecia de gesso, como se lhe annunciasses que era lua nova ou quarto minguante!

Rama!hete foi um bom Angellotti e José Franco um Marquez Attavanti... digno.

Os mais regularmente, e no todo bem ensaiados. A orchestra, a orchestra, ai Deus meu, que desafinada! E o publico, falando enquanto se representava, tambem desafinado.

MARCELLINO MESQUITA

UMA ANEDOCTA

EPISODIO DRAMATICO

Representado com grande exito no theatro de D. Amelia

Preço 200 réis

Requisições à Empresa da Comedia Portugueza, Travessa da Boa Hora, 39.



-- Vamos a ver se a vaccina pega, ou se rebenta a bexiga...

Comédia

PORTUGUEZA

Director—MARCELINO MESQUITA

PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR

Antonio da Fonseca e Sousa

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

T. DA BOA HORA, 39

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO

Typ. e lith. R. de Sousa & Salles
R. N. do Loureiro, 25 a 29

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 1\$500 réis	Brazil, anno (52 numeros)..... 2\$500 réis
Semestre (26 numeros)..... \$500 réis	Africa e India Portuguezas, anno.... 1\$000 réis
Coimbra pelo correio..... \$100 réis	Estrangeiro, anno (52 numeros)..... 1\$500 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39, 1.

Semana
CRITICA
POLITICA
ARTES, LETRAS,
COSTUMES



CONSELHEIRO CAMELLO LAMPREIA

Conselheiro Camello Lampreia

O conselheiro Camello Lampreia é o muito distinto ministro de Portugal, junto da Republica Brasileira. que todos conhecem, hoje, no nosso paiz e cujo nome goza de uma merecida e alta consideração.

Essa consideração por parte do Brazil alcançaram-lh'a as nobres qualidades de intelligencia e de coração. a maneira brilhante e elevada porque tem desempenhado o seu cargo. Em Portugal concedeu-lh'a a gratidão que todos os paizes consagram aquelles que fóra, em paizes estranhos. lhe honram as tradições e o nome.

O conselheiro Lampreia tem hoje a gloria de ter sido, no Brazil, alvo das maiores manifestações de apreço, por parte dos mais altos vultos politicos d'aquelle paiz. Varias festas se tem feito em honra do illustre diplomata e destacando d'uma d'ellas, as palavras de um brinde d'um illustre general d'aquella nação, ao nosso compatriota, revelamos a sympathia e amizade que alli possui o ministro.

Disse o general:

«V. Ex.^a pôde orgulhar-se de haver, de modo inexcusable, desempenhado aqui a sua missão.

«Nenhum diplomata de Portugal, e elle os possui de melhores, soube conquistar como V. Ex.^a, com a maior honra e proveito para o seu paiz, a estima e o respeito, não só do Governo da Republica como da sociedade brasileira.»

Estas nobres palavras dispensam o commentario, e explicam a honra que temos publicando o retrato de Camello Lampreia.



CASOS E COISAS

Na travessa do Rapozo, no bairro de Alfama, deu-se um assassinato e um suicidio.

Os jornaes chamaram-lhe crime de amor. Este titulo improprio e indigno dos factos occasionaes e determinantes do crime, serve para encobrir o reles interesse do caso, poetisal-o, descrevel-o, espalmal-o, dias successivos, em longas columnas de informações tão mesquinhas, como prejudiciaes e indignas da occupação séria de um jornalista.

Toda a cidade ficou sabendo:

O nome do marido e dos paes:

O nome da mulher, revelando que tinha pae incognito e tendo ainda mãe que se nomeia e se diz viver para a Graça, com um policia!

O numero da policia e esquadra não vem, por esquecimento, naturalmente.

Mas vem:

O nome do amante, naturalidade, familia, idade, etc.:

Como e a quem tomou a mercearia:

Como desandou a namorar a mulher:

Como a mulher enganava o marido:

Como foram para a pandega no verão de S. Martinho.

Como era a mobilia do quarto do mercieiro:

A que horas se deitaram n'essa noite:

Como se ouviram as detonações, pela manhã.

De quantas pessoas era o leito do mercieiro.

Quantos casacos tinha pendurados:

Com que fatos estavam mortos, na cama:

De que côr eram as saias e as meias! da mulher...

E muito mais coisas que não recordo, notas avulsas, opiniões da vizinhança, e tudo isto acompanhado pela photographia do predio, o que é da maior necessidade para a côr local.

Ora, francamente, merece um caso tal uma attenção assim despertada no publico. É licito chamar para taes coisas, grosseiras, de uma animalidade primitiva a analyse e o commentario da multidão?

Nem o character ou elevação das personagens, nem o estranho do crime, nem a decencia dos motivos, nem o fim moral da narração, justificam o desenvolvimento teimoso de tão longas paginas. A esplanção minuciosa de vis casos da vida, de miserias, de desregramentos moraes, e, ainda mais, rematadas por crimes sangui-nolentos, não podem senão servir de pasto á curiosidade doentia, de seres inferiores, a quem era preciso, ao contrario, pintar as coisas bellas e nobres, para destruir os effeitos morbidos das taras que a falta de educação, a miseria moral e physica lhe gravaram no organismo.

Não tem importancia nem significação educativa, nem social, nem moral, taes descrições.

Comprehendem-se como distracções appetitosas para prisioneiros, para malandros, para mulheres publicas.

Para gente honesta, não. Para creancas, para espiritos novos, cheios de bondade, ás escuras ainda na região dos vicios e das porcarias humanas muito menos.

Para os que sabem, que conhecem a vida e o mundo, que vivem e tem olhos de ver, e espirito para comprehender e coração para sentir, também não, porque:— o crime é banal e a exposição é reles.

Nada, de grande, justifica pois essa ancia com que se explora um facto lamentavel, triste e sujo.

Porque essa exploração teria ainda uma razão de ser, se tivesse em vista o exame scientifico do facto, as suas origens e causas. E, d'ahi, derivar para as novas concepções da moral moderna, mostrando o prejuizo das velhas leis sociaes, o seu artificio, o seu antagonismo com as leis da natureza, com a razão e com a logica.

Então seria preciso, talvez, descer ás coisas minimas, fazer da penna um microscopio na revelação das causas intimas dos grandes males moraes, como elle o faz, com o seu olho frio, sobre podridões, a desvendar os minimos organismos maleficos.

Então, sim. Era preciso revolver a lama, desprezar os fétidos, esquecer os contagios e desvendar e rasgar fundo até ao são ou até á causa.

Mas assim!

Conta-se o facto, enxovalham-se nomes, desvendam-se vidas, envergonham-se familias, para quê?

Para contar. O quê? Uma miseria! A quem? Aos pobres de espirito. Por quanto? por dez réis! É baixar muito a missão d'um jornal por tão pouco dinheiro.

Não exaggero.

Vejamos como se trata na imprensa uma questão grave, digna, do maior alcance pelo presente e pelo futuro, da maior importancia para os povos, uma questão de liberdade, uma questão de direito, uma questão que visa a vida á propria imprensa, uma questão de vida ou de morte d'um povo.

Um collega que deu seis columnas á tragedia que fez a policia trancar as portas da mercearia, em Alfama, noticia:

«Foi hoje supprimido o jornal *O Imparcial*. A policia trancou e sellou as portas da redacção».

Duas linhas!

Nem mais uma observação, um juizo, uma pergunta, um commentario, nada mais.

Foi supprimido o jornal, trancou-se a porta. Prompto. Quem quizer mais adivinhe.

Ora... bolas!

Na loja do barbeiro

Um gordo inglez, que vinha de Bolama
Entra na rica loja d'um barbeiro;
E o artista (que o era verdadeiro)
Do famoso Milord rapa a coirama.

Depois o attencioso *mestre escama*
Pergunta ao seu freguez em tom fagueiro:
— Se quer levar na cara um bello cheiro,
Tenho agua de Colonia d'alta fama.

— Oh! põe vocemecê, que não ir mal...
Não fazer bocadinho de cermonias...
Mim não trazer papel... trazer metal.

Cheirar bonito cura cachimonias...
E mim gostar de vinhe Portugal...
E multe mais das aguas de *Colonias!*



Garrett

A sociedade litteraria *Almeida Garrett*, para commemorar o 48.º anno do fallecimento do grande poeta manda dizer uma missa na egreja da Encarnação.

Que nos conste Garrett nunca foi andador das almas, nem sachristão. Estas homenagens a cera benta e latim moído, com o duplo poder de representar preitos e de escovar a alma das poeiras da Terra, lá me parecem já coisas para o barril dos trapos.

Homenagem ao grande litterato seria fazer-lhe edição barata, popular, da obra, com seus estudos criticos. Assim elle continuaria a servir mais efficazmente o paiz que tanto amou e o povo que defendeu na guerra e illustrou, na paz.

Mas não: estamos ainda nas missas pelas almas...
Vaes bem, Miguel.



Soneto lamurioso

Meu *bagó* evaporei na teima insana
Que ás casas de batota me arrastava...
Fui um pedaço d'asno... pois julgava
Curasse o jogo a atroz miseria humana!

Quantas vezes a *dama* toda ufana
Horisontes da vida me doirava!
Mas era a minha sorte, sempre escrava,
Igual a essa do cão quando se damna!

Batoteiros aos mil achei tyrannos.
E nem uma só vez, oh! ceus! me coube
Navegar na maré dos desenganos!

Quando a Parca feroz a luz me roube
Ponham na campa assim: — Viveu cem annos.
E foi tão besta que roubar não soube!



Receios

Em vista da ousada e fructificante propaganda dos protestantes, em Roma, Leão XIII nomeia uma comissão de cardeaes para estudarem e combaterem tal movimento.

Não percebemos de que haja a receber-se Sua Santidade.

Se a sua egreja será sempre victoriosa, sempre firme. — «as portas do inferno não prevalecerão contra ella» — que lhe importa que os protestantes levantem templos e abram aulas?

Melhor será para exemplo de futuras victorias da egreja romana.

Ou não? não percebeo.

Scena de melodrama

Insignificancia dramatica respetosamente offerecida ao illustre dramaturgo Marcelino Mesquita.

ELLE (com accionado largo)

Da vingança feroz em mim rebenta a chamma,
E vae haver aqui terrivel melodrama!

ELLA (com riso escarminho)

Pela cara já sei que trazes n'essas tripas
Zurrapa, da qual és consumidor ás pipas.

ELLE (desabafando)

Bebi para afogar esta magua estupenda
De ter por meu rival um marcano de tenda!

ELLA (lastimosa)

Se eu lhe devo a manteiga, o bacalhau, o queijo!...

ELLE (erecto e macambução)

Mas isso não se paga a dar-lhe tanto beijo!

(Pausa)

A mulher deve ser tão pura como o sol:
Dá-se um pataco á conta... e o resto vae p'ra o rol.

(Resoluto)

Ajoelha a meus pés, grandecissima aquella,
Por que aqui vae haver horrivel cabidella!...
Vês este meu punhal a reclamar sangueira?...
Vem d'um amolador da Praça da Figueira!

(Mostra uma faca de matar porcos)

Elle é do aço mais fino, é de aço da Suecia,
E Ulysses o vibrou a combater na Grecia!

ELLA (assaralhupada)

Perdeste a tramontana, ó Carlos Agapitho?
Se te chegas p'ra cá metto na bocca o apito!
Chamo o visinho Braz, que môra na trapeira,
E que foi capitão da antiga Chuchadeira.

(Aparece o aguadeiro)

Senhores! façam paz, e *hamos* todos tres
Em *bêz* do melodrama *arranxar* entremez.

(Sentencioso)

Quando uma mulher sae do rego *desexado*,
Dá-se-lhe um *bofetón*... e está tudo acabado...
Lá ferro *non* se puxa... isso é que é muito feio,
E depois a *xustiça* aperta nos o freio.

ELLE (convencido pela logica do aguadeiro)

Pois bem: apanha lá este grande *banano*
E vamos todos tres beber do torreano.

(Dá-lhe um banano, ella apara
E dá-lhe um beijo na cara)

O AGUADEIRO (lyrico)

Desceu á terra Astrêa, a deusa da *xustiça!*
Loubor á santa paz, e para a guerra — *chiça!*

(Puxa da gaita de folles e canta)

Non debe o marido pegar n'uma faca
P'ra á sua mulher o caminho ensinar;
Mas se ella se mostra menina *belhaca*
Non deixa o sopapo de estar a calhar.

(N'isto vem o panno abaixo,
A plateia entra a dar palmas;
E aquellas tres santas almas
Vão ser tres bagos d'um cacho).

VENANCIO.



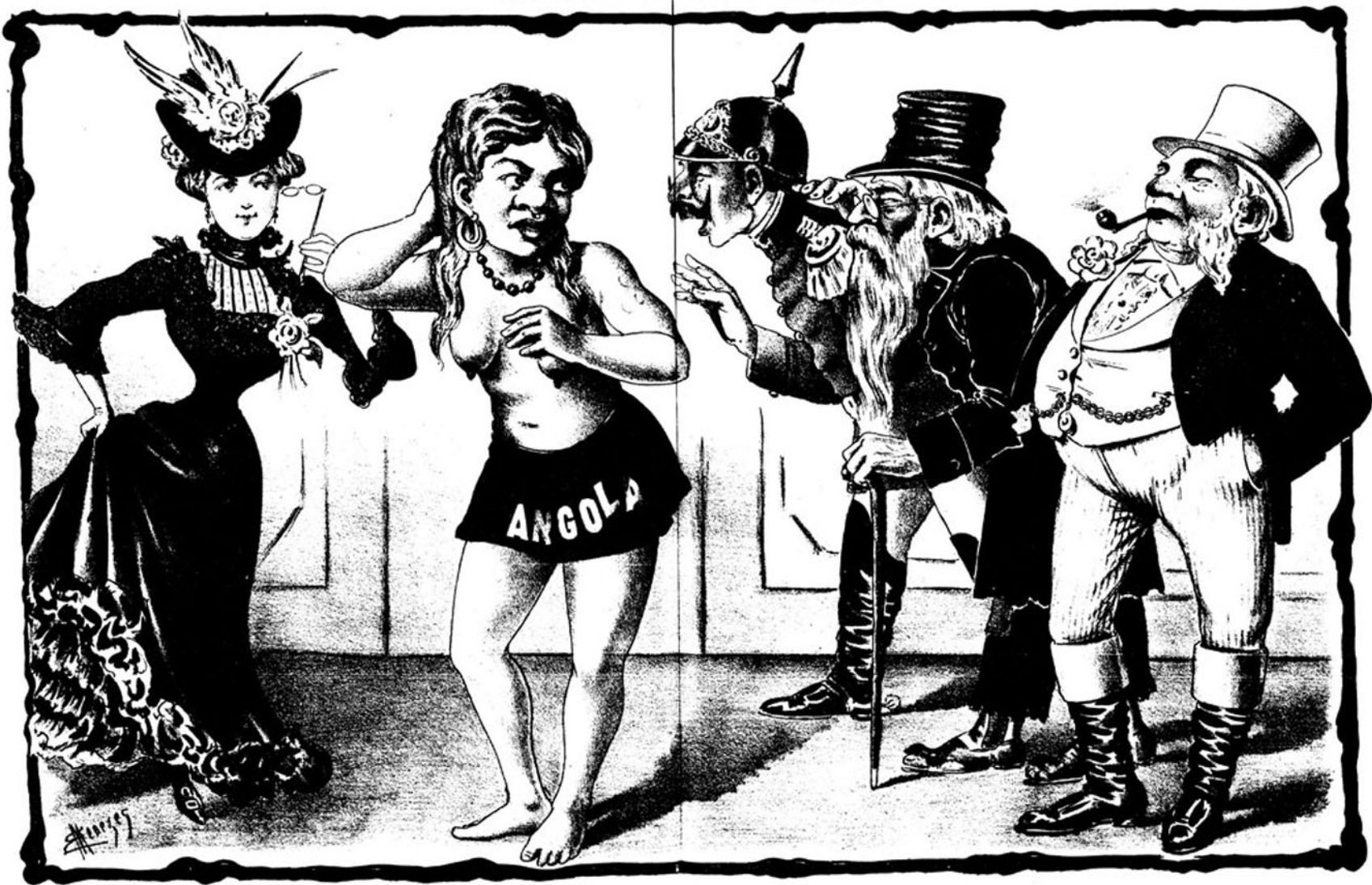
Lei do jogo

«Hualin-Sa, governador de Toitoikhar, promulgou um edito prohibindo os jogos d'azar nos territorios sob sua jurisdicção. Os contraventores expõem-se a cem bastonadas e terão, além d'isso, de levar ao collo, durante um mez, uma colleira de ferro — o que é pesado e, além d'isso, é já notorio, dá má sorte.»

Esta idéa esqueceu ao sr. Hintze.

Lembramos-lh'a para cá; ainda com a vantagem de exigir um fiscal, commissario das colleiras.

EFFEITOS DO SORO INGLEZ



Do como a Rainha Ginja se transformou em Lady Etti:

Entrudo

Ha muito que se pensa em fazer em Lisboa um carnaval, distincto, elegante, de modo a chamar a terra alfacinha os reinadios de toda a parte do mundo.

Parece que esta idéa, agora, se aviventa com mais força e ha já planos, alvitres, lembranças... inventos.

Entre os modos de civilisar o carnaval propõe-se um cortejo em que figurem, as associações de dança e de harmonia, charangas, philarmonicas, clubs, theatros e circos, com seus fatos, proprios dos respectivos guarda-roupas.

A idéa é bella.

Mas é preciso alargal-a. E' preciso como que resuscitar, civilmente, a antiga precissão do Corpo de Deus. No cortejo incorporar-se-hão todos os officiaes da cidade, com suas bandeiras, disticos, carros allegoricos e emblemas.

E, assim, irão alfaiates com suas thesouras, medicos com suas seringas, juizes com suas balanças, ministros com suas gazuas, parteiras com suas agulhas, etc.

E indispensavel o clero, por causa do brilho dos fatos, sabido como é que o guarda roupa clerical é do maior brilho e riqueza. As manas e frades dispensam-se vista a tristeza das vestes.

Todos os arlequins (deputados) da politica levarão seus fatos de quadradinhos com guizos e chapéu de côco azul e branco.

Emfim cada classe se imporá o dever de se exhibir o mais rigorosa e elegantemente em fatos e accessorios conforme sua indole e papel social.

E bom lembrar que o Zé Povinho terá de estreiar n'esse dia albarda nova.

Assim, na concorrência de todas as forças vtaes do paiz, na exposição ao bello sol peninsular, de todas as formas tão superiores da nossa vida domestica lisboense, teremos a certeza de causar o pasmo das nações mais longinhas que virão aqui como outr'ora iam a Roma, aos velhos jubileus papais, de todos os pontos, de todos os cantos da orbe.

Então saberá o mundo quem sômos, o mundo triste d'hoje que virá ao Tejo abrir n'uma risada cyclopica as maxillas que se enferujam na tristeza da vida.

Os francezes terão mais uma vez razão em nos chamar «alegres» e esquecerão por este adjectivo amigo, a série dos outros com que nos mimoseiam nas esquinas de Paris.

N'esta cocega annual a alegria da Europa desterrará as probabilidades da guerra gigante e Portugal será proclamado o pacificador, o Cromwell, o Rei Bobeche do seculo vinte!

Amigos, para divertirmos a Europa não precisamos outra vida senão a que levamos.

Ha muito que de lá vem esta mascarada portugueza; ha muito de lá riem; ha muito que os divertimos.

Estamos em carnaval permanente.

Se cá não vem gozar-nos de perto é porque este carnaval tem muita lama; os seus gritos alegres muita tristeza, e a sua vida apparente muita morte!

Dá dez reisinhos ao velho?

Esta phraxe privativa dos Salsas, passará a ser a divisa d'um paiz?

Não nos faltará vêr mais nada.

Negocios

Um negociante de Benguella disse ao nosso collega o Noridades:

—«Sexta feira levantei-me arruinado e deitei-me considerando-me rico».

Dito a proposito da concessão Williams.

Isto é por força negociante de camisas... de dormir.

São as que tem mais consumo de noite e como, se estragam muito dão ganho fabuloso por isso.

Não acham?



Cancioneiro alegre

Fundou-se um centro catholico
Parece que bem fundado:
Houve musica e repiques
Festivos, de baptizado.

Leram, meninos, poesias,
Padres fizeram sermões:
Deram-se vivas ao Papa
O papa-rei... dos Leões.

Um centro nacionalista
Como na França! Ora chucha!
Que quer fazer o sachrista?
Vem tambem á sua bucha?

Ora essa! Vem salvar
O paiz da derrocada...
O Fr. João, toca n'estes...
Arcebispo, uma pitada.

— Com que então salvar a patria?
— E' como diz e parece...
— Dá licença que o entreviste?
— Pois não. — Comêço? — Comece.

— A grande crise das fabricas
Que é d'estas de torta venta...?
— Quatro créditos em latim.
E dois litros d'agua benta!

— Reverendo, e a fazenda...
O saldo do orçamento?
— A trezena a Santo Antonio
Cantada. ah! n'um convento.

— Meu padre, diga, a instrucción
Tão pouca, tão irrisoria?
— Cathecismo n'uma mão
E na outra a palmatoria!

— Á concessão do Lobito
Evitam precalços varios?
— Manda-se um cento de irmãos
E quatro de missionarios.

— Á velha crise vinicola
Como matar? quaes permissas...?
— Os padres dirão, n'um dia,
Até tres duzias de missas.

— O alto preço da carne
Como pensais que se acalma?
— Fazendo d'ella, em futuro,
Dois inimigos da alma.

E as idéas pretolceiras
Que invadem, hoje, a nação?
— Faremos novas foguciras
E uma nova Inquisição.

— E, mudareis o governo,
Rei, ministros...? — De tropel;
Que nada pode fazer-se
Sem vir, primeiro, o Miguel.

— Volta-se á antiga? — Mais nada.
— Casaca de azul ferrête...
Os argumentos: — Lambada.
— Razão suprêma — Um cacete.

Da honra que me fizestes
A minh'alma é penhorada.
Arcebispo, outra pitada;
O Fr. João toque n'estes...

N. T.

E immo pectore

Eu não creio que haja um unico portuguez — um só! — que não sinta que *isto raé mal*.

Tenho-o ouvido dizer aos mais graves, mais serenos e mais honrados homens. Esta opinião está pois na consciencia do paiz inteiro.

Viver como se vive, continuar a viver, é impossivel. É preciso mudar, radicalmente, absolutamente e já.

O paiz corre pois um perigo imminente: não façamos rethorica. É assim. Todos o vêem; todos o sentem.

Impõe-se pois um remedio urgente.

Onde virá? Dos partidos da nossa politica: todos sabem que é pueril pensal-o.

Dos partidos radicaes? Em Portugal são partidos theoreticos; não teem organisação, não teem força.

Ora ter força é, n'este caso, como em toda a lucta, preciso, essencialmente.

Logo é preciso procurar fóra dos partidos e fóra d'elles uma collectividade com o poder de operar?

Dizem que sim.

Qual é? Não sei. Mas se ha por que espera?



MOTE

*Se amor na preta se arreiga
Do coração não lhe sae.*

GLOSA

É como mosca em manteiga,

Alli caiu, alli fica;

Esquece-lhe a fava rica

Se amor na preta se arreiga

Prenda-a, embora, o juiz Veiga,

Grite-lhe a mãe, grite o pae;

Se amor em riba lhe cae

Como do tecto um barrote,

Mesmo á força de chicote

Do coração não lhe sae.



Civilisação

Foi a policia franceza, que por signal parece a nosa, atraz dos *Humbert*; foi a policia ingleza — que faz muita differença pelo que se viu — atraz do sr. *Owen*, já filado; e, agora é a policia hespanhola, atraz dos *Inimigos da Sociedade* como diz um collega.

Pois, senhores, Lisboa dá-se ares de grande *Babylonia*; está uma cidade de se lhe tirar o chapéu... e o retrato no Governo Civil.

Mas quem serão estes inimigos da sociedade que a policia hespanhola quer levar? Serão os...

Ah! se fosse possivel levar os nossos... não tinha prizão para os metter.

Olha, ó policia hespanhola, se não descobrires os inimigos leva os amigos que me parece que fazes melhor caça.



Piparotes no progresso

MOTE

*Muito o progresso galopa,
D'um pulo chega-se á Lapa;
Mas atropella quem topa
E é bem feliz o que escapa.*

GLOSA

O progresso nada poupa.
Anda sempre em upa! upa!
É assim como a chalupa
Quando leva vento em pópa;
Ora tira, ora dá sópa.
Aqui sêcca, alli ensopa;
E diz se por toda a Europa
Que quer fugir da carepa;
É tudo um trepa que trepa!
Muito o progresso galopa!

Ergue-se alguém da chulipa
Onde dormia de papo,
E vae com o *Gempapo*
Num *ai* á Fonte da Pipa;
Regala mui bem a tripa,
Duas botelhas destapa;
Embarca, traçando a capa
Ou mesmo que seja a opa,
E diz á sua cachopa:
D'um pulo chega-se á Lapa!

Passa o Electrico, que pimpa
E por bella invencão campá,
E, p'ra subir uma rampa,
Qualquer n'elle se repimpa;
Faz uma jornada limpa
Como os banqueiros da Europa;
E, mangando com a tropa,
Nota que não molha a roupa,
Que as botas e as pernas poupa;
Mas atropella quem topa.

O Elevador; — esse chupa
Muito elogio guapa,
Mas faz das tripas um trapo
Quando atira de garupa;
Em matar gente se occupa,
Mette defuntos em mappa;
E de tal sorte esfarrapa
Quando arromba a aduella ao pipo,
Que diz quem é sério typo:
E é bem feliz o que escapa.

Para dois bois uma canga,
Para as tristezas cantiga
Para o pretinho uma tanga,
Para o progresso uma figa.

MARCELLINO MESQUITA

UMA ANEDOCTA

EPISODIO DRAMATICO

Representado com grande exito no theatro de D. Amelia

Preço 200 réis

Requisições á Empreza da Comedia Portugueza, Travessa da Boa Hora, 39.

IDA E VOLTA



DE HERODES PARA PILATOS



O COMEDIANTE

DIRECTOR—MARCCELINO MESQUITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR Antonio da Fonseca e Sousa REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO T. DA BOA HORA, 39 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO Typ. e lith. R. de Sousa & Salles R. N. do Loureiro, 25 a 39

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 1\$000 réis	Brazil, anno (52 numeros)..... 2\$500 réis
Semestre (26 numeros)..... 500 réis	Africa e India Portuguezas, anno .. 1\$000 réis
Cobrança pelo correio..... 100 réis	Estrangeiro, anno (52 numeros)..... 1\$500 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Traversa da Boa-Hora, 39, 1.º

PARA A HESPANHA



Rapazes, se fizerdes por lá a união iberica, tende cuidado de não trazer os documentos na volta.
A policia olha-vos.



CASOS E COISAS

Uma carta anonyma, de Madrid, avisou a policia de Lisboa de que as ourivesarias da capital iam estar em cerco.

O sr. Hintze Ribeiro que detesta os *cercos*, tanto ás ourivesarias como ás *damas*, manda a policia que abra o olho, quando soube do caso.

A policia que assim *descobriu* um secreto plano, põe-se em campo. Na sua perspicacia fila todos os hespanhoes, com capa e sem capa.

Toda a gente que disser *caramba!* é filada.

Ora acontece que dos tres presos, apalpados, um tem uma faca. Essa faca é para matar a mulher do consultorio do dr. Caroco. A qual mulher depois de engulir este caroco se quedará no chão, e os meliantes, toca que toca, furando o sobrado, caidos em breve pelo buraco aberto, não deixarão anel ou pulseira ao infeliz ourives subjacente.

Isto é que é saber, ter olho, ser propheta.

Acontece que os meliantes não sabiam da existencia de tal mulher, o que não importa para o caso, visto que a policia fez d'ella um cadaver e se a policia o fez — é como se o fosse.

Cadaver numero um!

Interroga-se o segundo hespanhol e o chefe Ferreira percebe que o homem tinha assim a modos que um peito postico, como algumas mulheres.

Revista-se o *nuestro hermano* e encontra-se-lhe outra faca.

Era para matar o chefe Ferreira, a cuja presença nenhum d'elles calculava que seria chamado.

Mas a policia quer que fosse para matar o chefe Ferreira, seja; e, se ella o quer, é preciso que o chefe se considere um homem morto.

Logo: cadaver numero dois!

Ora aqui está uma maneira facil de arranjar assassinos, cujas victimas passam de perfeita saude, graças a Deus!

Acontece porém que os exemplos que veem do alto, se pegam facilmente e assim aconteceu que n'uma villa do Ribatejo, foi hontem preso um homem que tencionava comprar uma espingarda para matar o regedor! Nem mais nem menos! Ignora-se se o terrivel assassino interrogado confessou o crime; mas que o confesse ou não, é preciso que a justica seja implacavel com esta raza de bandidos, deante dos quaes não ha vida que esteja segura, nem reino que se diga solido; deante dos quaes, como o disse o Vieira, o proprio Deus, nos altares — não está seguro.

Fiamos da justica portugueza, a sublime missão vingadora da ordem e da integridade social tão profundamente ameaçadas.

Cão que ladra não morde, diz o dictado e é certo. Os criminosos d'hoje são um exemplo.

Assassinam nas trevas... do pensamento! Evitar o crime futuro seria a missão sublime da policia. Entrou n'esse caminho, a nossa; caminho que a ha de levar ao capitulo ou á gargalhada.

Consequencias:

Na rua.

Um rapaz fita uma menina de 16 annos que passa,

o da mamã, bella, provocadora de fórmãs, um appetite, emfim.

Um policia reparando:

— Porque está o senhor a oihar aquella menina?

— Pensava...

— Bem sei, pensava um crime! Aquella menina é menor. Acompanhe-me á esquadra.

E ha de ir, que a justica caminha.



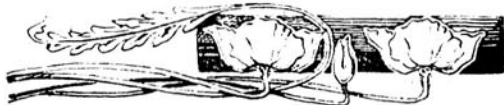
Liberdade

Liberdade! eu te canto na trombeta,
Mas no mundo te busco e não te vejo;
Abraçar-te e beijar-te é meu desejo,
Mas não diz onde moras a gazeta.

Tu não deixas de ser insigne peta
Com que os gajos governam seu mancojo;
O mundo é cada vez mais caranguejo,
Vive de embarrilar quem é patêta.

Quem não acha patacos na algebeira
Liberdade não tem de comer bife...
Ora vejam vocês que maganeira!...

Se é que houve liberdade jaz no esquite...
Por que a lei nem permite a brincadeira...
De dar quatro sopapos n'um patife.



S. Raphael

«São gravissimas as revelações feitas acerca do estado de ruina em que se encontra o cruzador *S. Raphael*, que apenas conta dois annos de existencia, mas que se pôde, sem receio, considerar desde já como um navio perdido!»

No meio do descabro em que se encontra o referido navio, ha duas coisas que não pôdem passar sem remedio prompto e radical: o *tubo lança-torpedos* não funciona, «e nenhuma das tampas dos *paioes da polvorra tem fechadura!*»

Isto é, se o navio tivesse que entrar em combate, estava completamente a mercê do inimigo por isso que não podia fazer uso do mais terrivel elemento de destruição de que dispõe; mais: se *qualquer mal intencionado ou estúpido*, se lembraase de approximar-se com luz junto dos paioes, que, conforme dissémos, estão sem resguardo algum, era uma vez não so o barco, como a tripulação que o guarnecesse!

Se olharmos para o estado das *machinas* e seus accessorios, ficamos igualmente edificados ao saber que quasi toda a *tubagem está rota...*»

Este *S. Raphael* é o ministerio. Tem dois annos e já não serve para nada.

A tampa do paiol do dinheiro — vulgo arca do thesouro — tambem não tem fechadura. Se *qualquer mal intencionado ou estúpido* se lembra de la metter a mão é porque a mette: e se lá houver algum tostão é porque o rapa.

O estado das machinas, as sete machinas que formam a draga governativa — vulgo ministerio — é desgraçado. Não sabemos se o sr. Hintze ou o sr. Mattoso tem os tubos róticos: este ultimo causa-nos grandes receios de que os tenha porque de ha tempos para cá empena e anda em concertos, no estaleiro dos Azevedos.

Ha porém um tubo que a machina tem em bom estado: é o tubo lança-commissarios. Esse funciona á maravilha; mas como este funcionar accusa ainda o mau estado das caldeiras superiores — vulgo pinhas — percebe-se que o estado da caranguejola é desesperado. O chaveco *São Hintze* faz agua por todos os lados, e o remedio é... pol-o em secco.

Conversa de ladrões

LACRAU
Não sei se sabes, tu, José Capacho,
Que a nossa arte ficar vae muito embaixo?!

CAPACHO
Já em baixo ella está!... Não ha pericia
Que embaça a espertalhona da policia!...
É d'ahi... o famoso juiz Veiga
Roubou-nos o páosinho com manteiga!...
Mas que temos a mais? Vá, desembucha.

LACRAU
Chega a nossa desgraça a ser de estucha,
Porque temos por cá a hespanholada
Que nos quer desviar da faina honrada!
Ganhavamos, é certo, mas com riso,
Agora ficaremos ao rabisco!...

CAPACHO
Então vamos ficar sem o que é nosso?...

LACRAU
Lá se vae o jantar, ceia é almoço...
E até já diz por cá a gente séria
Que a coisa vem a redundar na Iberia!

CAPACHO
N'esse caso fatal, irmão, só lembro
Um *fungáá* Primeiro de Dezembro!

LACRAU
Portuguezes, é chegado
O dia da redempção;
Se o povo ha de ser roubado
Roubem cá os da nação!

CAPACHO
Nobre patriotismo hoje te abraza!
Roubemos nós... que tudo fica em casa!

LACRAU
Falas inda melhor do que um oraculo,
Das nossas regalias sustentaculo!

CAPACHO
Mas a patrulha gira... isto é má hora...
Encommenda-te a Deus... e vae-te embora,
(*Um policia que apparece*)
O que fazem aqui?... Terão cadastros?...
Desconfio do seu giro nocturno!...

LACRAU
Somos dois sabichões d'alto cothurno,
E andamos a estudar a lei dos astros.
O POLICIA
Bem, bem, bem... eu a todos acredito...
Porém ponham-se a andar... senão apito.



O principe Cretchet

Este celebre principe depois do seu celebre martyrio nos paços do Limoeiro, absolvido pelas justicas, foi levado a terras de Hespanha, como coisa perigosa e explosiva.

Alli, examinando-o, reconheceram que era feito de marmelada, tão inofensivo como um torrão de assucar e não o quizeram receber á consignaço. Voltou o principe e mandaram-no para bordo do *Cadiç*, navio britanico que o levará a Gibraltar.

Chegado alli, o principe disse, com o maior contentamento: — Até que afinal, estou em terra ingleza!

O principe que segundo parece, é um philatelistista distincto, é como se vê um geographo mediocre.

Não foi ao embarcar que se achou em terra ingleza: — já estava.

As colonias fazem parte dos paizes a que peften-cem.

— ?

— Oh! Yes!

Um passeio

Eu tenho para mim e sei bem que não sou eu só d'esta opiniao, que se alguma cousa ha no mundo, bella e digna de vêr-se é uma mulher bonita!

Chego até ao radicalismo de confessar, francamente, que para mim nada ha bello no mundo sem a mulher.

Pódem gabar-me as bellezas d'uma paisagem, os meandros umbrosos que sombreiam o rio prateado, a magestade ativa d'uns cerros gigantes projectando-se na vastidão do azul, um poente no mar, a solidão d'uma floresta cheia de murmurios d'aguas e de attrictos de folhagens lentamente agitadas, eu confessarei que tudo isso é bello, não por si, banal e inanimado, inconsciente e bruto, mas porque pode completar-se.

Na paisagem eu collocarei debaixo da carvalheira anosa uma mulher deitada; no rio fal-a-hei reclinar na prôa do bote ligeiro e silencioso como um cysne; junto ao mar, collocar-a-hei de pé na riba, o veu bambeando ao vento, o olhar no espaço, ou sental-a-hei na praia, languidamente, absorvida na franja espumosa da vaga que se turge, rola e muge espriando-se-lhe aos pés!

Os pintores não a pensam nos seus quadros do natural, tanto elles sentem que banil-a de lá, é expôr á contemplação do nosso olhar, um cadaver mais ou menos bello, mas um cadaver.

E' banal repetir que nós vemos o mundo exterior conforme o estado intimo do nosso espirito. São alegres os dias se estamos alegres, tristes se estamos tristes. E' que a imaginacão empresta aos sentidos o pó dourado com que polvilhem ainda as maiores tristezas, como arranca ás felicidades a epiderme que esconde as maguas.

E ella que vae collocar, inconscientemente, para nós o vulto d'uma mulher, no meio da charneca extensa, no penedo negro da encosta, ou na alameda areienta e zebra da floresta.

E então nós dizemos de rijo; que bella charneca! e para nós: — para correr uma lebre, no baio, ao lado d'ella! Que encantadora floresta! e baixo, intimamente: — para passeiar, ao anoitecer, sentindo-lhe o pezo no braço... o pezo d'ella!

E assim tudo o que nos agrada, o que nos encanta haure d'esse occulto phenomeno o poder da attracção. Um francez o disse, que me não lembra qual; mas os francezes n'este assumpto são entendidos: *il y a de la femme dans tout ce qui plaît.*

Era dos meus, em philosophia, este auctor.

Mas entenda-se que é da mulher formosa que se trata; porque se collocarmos uma carcassa em qualquer d'estes pontos, estragamos todo o agrado, belleza e paisagem. Vae tudo pela agua abaixo.

Oh! uma mulher feia!

Deus conserva-as por dois motivos: para provar a nossa paciencia e para mostrar a grandeza do seu poder, no bom e no mau.

Ha homens que, n'este ponto, rivalisam com Deus: elle fel-as, elles aturam-n'as. Homens para quem a Torre Espada seria um ridiculo galardão.

Homens d'um valor, de uma lealdade e de um merito que só posto em bronze! Mas ha.

Em Lisboa dá-se um caso muito curioso. Ha dias em que, durante a hora do passeio e das compras, hora em que, como todos sabem, as nossas mulheres expõem ao ar dos arruamentos todos os dotes naturaes e artificiaes com que Deus e ellas se dotaram, dizia eu, ha dias em que não se logra vêr uma mulher bonita. N'outros dias, acontece justamente o contrario, as feias desaparecem e é um regalo passear os olhos pelos olhos das transeuntes.

Porque será? Os velhos não o explicam, os novos não o comprehendem.

Estas as impressões do passeio, hontem, pela cidade.

Hontem, porém, foi um dia terrivel, um dia das mulheres feias!

A GREVE DOS PADRES... NOSSOS

Meus amados irmãos!
Se as camas não chegam às
de 3 vinténs, Cebolorium



Eu não confesso... estou em greve!



Um padre greve que não entrou na greve



Um padre nosso e uma ave-Maria

Muito pode a arte

Nasce a dama em torrão luzo
Carinhosa, terna, meiga,
E começa a fazer uso
Do chá e pão com mateiga.

Cresce; e suspiros arranca,
Em casar pensa sómente...
Mas quem lhe apalpa uma anca
Não acha onde metter dente.

Mas não choram as meninas
Quando se vêem *magricas*;
Porque as modistas mais finas
Arranjam ancas postigas.

Chora a mulher pranto mórno,
Anda a morder-se de inveja
Por lhe faltar esse adórno
Que em ovarinas sobeja?...

Pois n'estes casos acode,
O algodão, se é dos finos,
Apenas o que não pode
E dar maminha aos meninos.

Progresso! dêste uma prova
Que em cem tubas se apregôa...
E arranjaste uma *arte nora*
Que até p'ra as velhas é boa!

**Parodia**

Um collega espanta-se de que o sr. Hintze inventasse para apprehender o ultimo numero da *Parodia*, as apprehensões e suppressões com effeito retro activo. Isto porque o jornal foi apprehendido horas depois de circular.

N'este caso comprehende-se: a figura que deu origem á apprehensão está representada de costas.

Quer dizer do lado retro.

A crime retrospectivo, lei retro activa.
Está certo.

**Caixa de soccorros**

«Os artistas do theatro de *D. Amelia*, fundaram entre si uma caixa de soccorros. Esta instituição tem merecido a mais desvelada protecção... etc...»

Uma das idéas mais sympathicas e que tem grangeado as adhesões e os applausos de toda a gente é a dos traductores e auctores, contribuirem com uma percentagem dos seus direitos para o fundo da caixa.»

Assim se explica um collega.

Toda a gente tem achado sympathica a idéa? Puderá. Toda a gente que recebe e que não contribue? Não custa a perceber. Dinheiro dos outros... Eu, como auctor, acho a antipathica como todos os diabos.

Iá que os traductores aceitem o cargo, comprehende-se: vivem do talento dos outros; mas um pobre auctor que ganha menos, por anno, do que qualquer actor de terceira ordem, que d'isso vive, que paga quarenta mil réis de decima, que é insultado cada vez que faz uma peça, que os atura a todos, ainda em cima contribuir dos seus miseros direitos incertos...

Que idéa tão peregrina! E acham-na sympathica? Anda cá, ó sympathico!

E' pela commuidade de trabalho? Então que os auctores entrem tambem como socios da tal caixa e comprehender-se-ha o concurso. D'outro modo não. D'outro modo é pedir o soccorro áquelles que são os primeiros a precisar d'elle.

Esta é a verdade, triste!

Lgrimas

Nasce qualquer creança; chora logo
Entre as mãos da parteira; depois cresce,
E, se a mãe lhe não dá o que appetitece,
Só acha no chorar um desafogo.

Depois chora o tostão que perde ao jogo:
Mais tarde por quem alma lhe enlouquece;
E, se o peito da bella se arrefece,
Chora-lhe o coração ardendo em fogo.

Chora vendo um Galeno á cabeceira;
Chora se o não absolve algum padreca;
Chora quando não pôde achar melgueira.

Chora quando do amor a fonte sécca...
Finalmente, este mundo é choradeira.

.....
O' Maria da Luz, traga a caneca.

**Desforra**

Tendo ficado desacreditados os gatunos hespanhoes, com a tentativa, adivinhada — por uma carta anonyma — sobre a ourivesaria do Rocio, resolveram provar a sua habilidade e resgatar seus creditos.

Assim, foram á rua de S. Bento e na bochecha da policia e guardas arrancaram da mina todo o oiro que lá havia.

São de primeira ordem, os catitas: com tanta finura, por cá, só os ha fardados... e, diga-se a verdade — com menos coragem.

A policia que o diga.

**MOTE VELHO**

*A cruel separação
Custa mais que a mesma morte*

GLOSA NOVA

Quando de atroz trambulhão
Cae um ministro na lama,
Ao largar a pasta chama
A cruel separação.
E o ministro tem razão,
Pois vê perdido o seu norte!...
Vêr mudada a sua sorte,
Vêr o paiz em arrancos,
E ter que andar de tamancos,
Custa mais que a mesma morte!...

**A maçã**

Um medico inglez, diz-nos que a maçã é o mais hygienico e nutritivo dos fructos.

Que é rica em albumina, assucar e phosphatos e que se digere em oitenta minutos.

Que na antiguidade era considerada como manjar rejuvenescedor.

Que os inglezes a comem com a carne de porco, porque facilita a digestão, etc. Esta revelação explica-nos a scena do paraizo terreal, ao mesmo tempo que nos revela um erro da Biblia.

Não foi pois a maçã que Eva comeu: esta digere-se muito bem e até facilita a digestão dos outros alimentos.

Fructo que deixe um homem embuchado, e embuchado por muito tempo — só o marmelo.

Corrija-se pois. A arvore da sciencia — e quantas vezes o é — era o marmeleiro. O que a nossa primeira mãe comeu e com que se engasgou... foi um marmelo. E' um gosto vêr caminhar a sciencia.

**D. Amélia.**

O maior castigo. Peça em tres actos, de Raul Brandão. Um pulha, como ha tantos, commetteu adulterio com a mulher do seu melhor amigo. Foi para a India.

Pouco depois, a adúltera teve uma filha, fructo do adulterio. Do parto morre. O marido concentrou na filha — os dois affectos — o da morta e o d'elle. São felizes no seu amor, adoram-se.

Passam vinte annos! Uma creada faz, por uma carta, que venha da India o pae da menina para a levar. Este chega, cheio d'amor, adorando a filha, prompto a aniquilar a felicidade d'este lar, com a revelação terrivel. Lucta-se; uma creada velha, um medico, conseguem que só a pequena saiba o segredo. Ha lagrimas, d'esta, crueis e ante ellas o pae sac e não diz nada ao amigo. Tal é, rapido, o enredo da peça.

Esta é a efabulação; e, como ferem todas as leis da psychologia e da natureza os sentimentos que se chocam, em scena, a peça tem aqui o seu maior defeito, a razão primeira do seu não agrado.

Nenhum pae tem por uma filha que nunca viu, nem vinte mezes depois, quanto mais vinte annos! o menor affecto ou interesse sequer.

Nenhuma rapariga de vinte annos educada e creada no immenso amor d'um homem que foi o marido de sua mãe e pae amantissimo durante esse periodo, ligaria a menor importancia ao que lhe dissesse o primeiro cavalheiro chegado da India e que se intitulasse seu pae.

Ao espanto da revelação succederia o mais profundo nojo pelo papá e o mais profundo desprezo pelo homem.

E como tal paternidade seria impossivel, absolutamente, de se provar, ella diria ao cavalheiro que se puzesse na rua e de bico calado, sob pena de chamar dois creados e de lhe mandar partir as costellas com dois marmeireiros.

Isto é que faria uma menina de 20 annos em tal situação.

Esta receita lembraria ainda a qualquer medico, ou a qualquer creada velha, depois de tentarem em vão convencer o serodio progenitor, com a razão de que devia abster-se de ser um miseravel da peor especie, pela segunda vez, depois de ter sido um pulha da melhor, na primeira.

Raul Brandão apaixonou-se pela these — não tirar a illusão aos felizes — mas assentou-a sobre uma base anti-natural e quebrou assim o interesse da peça, a verdade das situações, perdendo os elleitos que um facto semelhante, e verosimil da vida real, proporcionaria ao certo.

Lembro-lhe por semelhança: *O Pão alheio* e a *Madame Carverlet*, de Augier.

Encheu de episodios os tres actos.

Alguns d'elles bem achados, outros de menor valor, por gastos. Abusou da musica e da dança e por vezes deixou-se escorregar na farca, convencional, a prejudicar a acção, já de si frouxamente levada.

Quiz ainda, n'uma preoccupação de modernismo nevocento, improprio do seu talento e da sua individualidade de escriptor distincto, encaixar tambem uma figura symbolica, espirito revoltado, anjo mau da peça.

É uma creada que faz meia: teria sido melhor deixal-a na cosinha a fazer... o jantar do ultimo acto.

Nem só defeitos tem a peça. Tem bellezas; mas é força dizer que estas se esmorecem e apagam na impressão geral da obra, inferior ao talento do auctor que saberá em breve resgatar a responsabilidade de momentos menos felizes.

C. M.

MOTE

*Na cova da minha amada
Nascem as rosas aos centos;
As rôxas — são os meus beijos,
As brancas — os pensamentos.*

M. M.

GLOSA

O prazer viveu commigo,
Muitas alegrias tive;
Mas essa que já não vive
Levou-as todas commigo!
Já não tenho um riso amigo
Que seja a minha alvorada;
E na vida malfadada
Em que me vejo penando,
Só tenho allivio chorando
Na cova da minha amada!

É cova rente do chão,
Alli não ha mausoleu;
Porém ella tem um, que tu
Lhe ergui no meu coração!...
Entre aquella solidão
Batida de sóes e ventos,
Da natureza portentos,
Brotando do chão com ancia,
De purissima fragancia
Nascem as rosas aos centos!

E quando a luz desmaiou,
E quando a brisa as baloiç,
Fico assim como quem oia
A voz d'aquella que amou!...
Ao ceu, que assim m'a roubou,
Quero soltar meus adejos;
E, ardendo em puros desejos,
Eu digo á brisa que passa:
— Vês d'estas rosas a graca?...
As rôxas são os meus beijos.

Rôxas! rôxas sem mentir,
Rôxas com toda a verdade...
Rôxas como é a saudade
Que ella deixou ao partir!...
Possaes, ó rosas, florir
Fugindo a tufões violentos;
Trazei-me uns fracos alentos,
Entre tormentos sobejos,
Que, se as rôxas são meus beijos,
As brancas — os pensamentos!



EXPEDIENTE

A empresa da *Comedia Portugueza*, para fazer terminar o primeiro anno d'esta publicação (52 numeros) com o actual anno de 1902, resolveu publicar dois numeros extraordinarios, um no dia de Natal e outro no ultimo dia do anno.

Mandou tambem fazer capas proprias para encadernação do volume, em condições que no proximo numero exporemos aos nossos leitores.

MARCELLINO MESQUITA

UMA ANEDOCTA

EPISSODIO DRAMATICO

Representado com grande exito no theatro de D. Amélia

Preço 200 réis

Requisições á Empresa da Comedia Portugueza, *Traressa da Boa Hora*, 39.

A GRAN-VIA EM LISBOA



COM VISTA ÀS OURIVESARIAS



Semana
DE
CRITICA
POLITICA
ARTES, LETRAS
E
COSTUMES

A COMEDIA

Director - **MARCELINO MESQUITA**
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR: Antonio da Fonseca e Sousa
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: T. DA BOA HORA, 39
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO: Typ. e lit. R. de Sousa e Salles, R. N. de Loureiro, 25 a 29

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADIANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 12000 réis	Brazil, anno (52 numeros)..... 24000 réis
Semestre (26 numeros)..... 6500 réis	Africa e India Portuguesa, anno... 12000 réis
Cobrança pelo correio..... 2100 réis	Estrangeiro, anno (52 numeros)..... 12500 réis

Toda a correspondencia dirigida à Redação e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39, 1.º



A roda da fortuna



Com tanta cautella e tão pouca sorte!...

Natal

A festa do Natal é das mais antigas do christianismo. Parece que foi por 138 que um arcebispo a estabeleceu. Era porém muito movel: celebrava-se ora em janeiro ora em maio. No seculo iv, o papa Julio I, a pedido de Cyrillo, bispo de Jerusalem, mandou aos doutores do Oriente e do Occidente que prégassem o dia da natividade de Jesus Christo. E d'aqui se vê como deve ser coisa certa o que elles assentaram: o dia 25 de Dezembro.

Tão certa que muitos padres da igreja não concordaram.

A cerimonia do Natal tem variado com o tempo e com os costumes.

Assim na Edade Media no Occidente a festa era representada por personagens recitando composições religiosas ao redor do berço. Ao lado sentava-se S. José e Nossa Senhora gozando.

Estas representações degeneraram mais tarde em verdadeiras palhacices e inconvenientes farças. Em Hespanha ainda no seculo xviii, em Valladolid, os mysterios da natividade eram representados nas igrejas com multidão de mascarados que tocavam castanholas, pandeiros, guitarras e violas. Depois entraram as mulheres a dançar. Comia-se, bebia-se dentro da igreja até alta noite.

Vê-se como d'estes costumes nasceram os que ainda hoje se conservam da ceia da noite de Natal, a missa do galo, os bolos para as creanças e os presentes como festejando o nascimento da creança sublime. Dos mysterios celebrados nas igrejas derivou o theatro moderno em successivos aperfeiçoamentos.

O commercio entre nós guiado pelo dos outros paizes, importou usos e costumes, que fazem com que os mostradores das lojas se encham de milhares de objectos, para presentes, para ornarem as arvores do Natal, coisa ha poucos annos desconhecida entre nós. Na cidade o Natal não tem poesia, nem graça, nem sinceridade.

E uma festa como qualquer outra que serve para festins.

A velha poesia tradicional, o encanto poetico do Nascimento do Menino só pode sentir-o hoje, quem fôr á aldeia nas horas que precedem a missa do galo, entrar pelas cosinhas onde a filha e o coscorão incham nas caçarolas e a brôa loireja a dançar no azeite.

Esperar na estrada o caminhar dos devotos, ouvir as guitarras que veem cantando pelas encostas, e escutar o riso alegre das raparigas por entre o palrar confuso dos grupos.

Ir ali ao largo da igreja, ouvir a missa, e voltar pelas cosinhas, onde a lenha arde espirrando, as raparigas dançam, os homens bebem, até que rompe a manhã.

Assim consegue perceber-se a enorme poesia com que tem vivido atravez dos seculos a festa do menino e como o povo lhe tenha dedicado os seus bellos cantos, primitivos, cheios de frescura e d'amor.

O mysterio do nascimento, da vida, será sempre um motivo de alegria cada vez que se veja entre os homens; como não deixaria de ser, um doce enlevo, um sagrado e admiravel motivo, para imaginações simples e primitivas, quando se tratou de um Deus.



Epigramma

Um viuvo cinco vezes,
Tendo-lhe alguem perguntado
A qual das suas mulheres
Com mais ardor tinha amado,

Respondeu: — Falo-lhe franco
Igual a quem se confessa:
Estimei mais a primeira
Porque morreu mais depressa.

CONTO DE NATAL

A visita de S. Nicolas

A doze leguas da cidade de Belem, na Moravia, ergue-se a pequena e graciosa cidade de Emmaüs. É aqui que vem o abençoado S. Nicolas, em carne e osso, trazer em todas as vespasas do Natal, prendas para todas as creanças.

Na vespera d'este dia, ás seis horas, as creanças vão da escola para a igreja. Esta está lindamente ornada. Por cima do altar armam-se arcos de verdura, de *ever green*, a sempre verde. Por debaixo está escripto: «Para vós nasceu um salvador, que é Christo Nosso Senhor». Dos arcos pendem muitas campainhas que uma creança faz soar acompanhando a orchestra e os canticos.

A meio da festa mulheres de tunicas brancas trazem n'um taboleiro, ao pescoço, pequenas velas accezas que distribuem ás creanças.

O padre explica: que o Salvador veiu ha muitos annos trazer a luz ao mundo e que era creança como ellas. Que antes de adormecerem as virá visitar S. Nicolas, com os seus presentes, como outr'ora os reis magos os levaram ao menino no presepio de Belem.

Cantam de novo, creanças, órgão, campainhas e a festa acaba.

Chega a hora de vir S. Nicolas. É como disse verdadeiro e por isso o mais patusco, extranho e curioso santo que os olhos redondos das creanças possam vêr. Para as creanças moravicas é o «Peltznickel», todo embrulhado em pelles.

Theoricamente só bate nos maus e recompensa os bons; mas a verdade é que na pratica, **nemhum pequeno** peccador deixa de merecer a sua generosidade.

Vae a todas as casas. N'essa noite passeia carregado de prendas e de chibata, antes da hora.

Todas as creanças lhe escreveram: os rapazes pedindo patins e as raparigas, bonecas. O fogo é grandê na lareira, e a velha avó, envolta na sua bata de chita, como n'um sacco, tem os olhos a brilhar por detraz dos olhos, vivos, para saborear a galhofa que se approxima.

O pac e a mãe estão ao lado: e, no canapé em frente, com os seus melhores fatos, as creanças alinham-se sentadas, tremendo a todos os ruidos, **immovéis**.

S. Nicolas será terrivel, se os vir sem ordem.

Finalmente, ouve-se um ruido fóra e um grito: «cá vem elle!»

Os petizes tornam-se mais graves, e repetem rapidos, orações propiciadoras da generosidade do santo.

De repente, a janella é sacudida e a porta da cosinha oscilla com uma pancada.

É o *Peltznickel*, dizem as creanças cheias de medo, é o *Peltznickel*! De subito a porta abre se ruidosamente e o *Peltznickel* entra, todo embrulhado n'um grande cazo, as barbas encobrindo-lhe a metade inferior do rosto e a superior occulta por uma mascara. Ao hombro traz um bojado sacco cuja bocca segura com a mão esquerda; na mão direita uma chibata de pinheiro. Faz-se um silencio profundo. *Peltznickel* levanta então a chibata ameaçando furioso e as creanças começam a gritar medrosas:

— Eu fui á doutrina no domingo.

— Eu sei as minhas orações todas.

— Eu sei o cathecismo.

A mais pequena começa a chorar.

Peltznickel, commove-se e dá á mais pequenina um cavallo que tira da algibeira.

É o signal da paz. *Peltznickel* toca com a chibata no hombro da mais velha que se levanta e recita, a velha canção tradicional:

Eu sou uma creança, pequena,
E a minha força inda é menor.
Por favor ensinae-me a ser boa
E dizêi-me á força de quem, me hei de encostar.

Os irmãos repetem.

Peltznickel, contente, tira da algibeira bolos caseiros, pequenos peixes doces e espalha-os no chão. As creanças saltam nos bolos enquanto *Peltznickel* vae distribuindo chibatadas. Estas irritam e trava-se batalha. As creanças attaccam-n'o de todos os lados. *Peltznickel* enfurece-se, bate com os pés no chão, mas vae perdendo terreno. A coragem das creanças redobra e *Peltznickel* vencido galga d'um salto á porta, atira o sacco que se abre jorrando brinquedos e desaparece, na noite.

O sol da manhã rompe. No quarto do avô um grande casaco dorme n'uma cadeira ao pé d'uma mascara de longa barba.

As creanças despertam nos leitos abracados ás prendas. E então enquanto as creanças ao levantarem-se vão á porta do quarto e gritam «avô, avô, natal muito feliz» o sol que espreita pela janella cumprimenta: — «bons dias *Peltznickel!*»



Conselhos de bom pae

Rapaz, já tens certa idade
É desejo dar te rumo;
Procura tu á vontade
Onde has de lançar o prumo.

— Meu papá, santo vegete,
Escute o meu ideal;
Qu'ria tocar clarinete
Em banda regimental.

— Já cá temos o piano
Da tua irmã serigaita;
Vê se traças outro plano
Porque esse é obra de gaita.

— Pois, se o que digo é loucurea,
Despeço me dos tarocos;
E vou estudar pintura
Por muito amor aos bonecos.

— Escolheste muito mal
E tiveste idéa chocha:
A pintura em Portugal
Só rende aos homens de bróxa.

— Se inda esta idéa me afasta,
Será o melhor dos paes,
Se me metter a gymnasta
P'ra eu dar saltos mortaes.

— Cada vez és mais sendeiro
E mereces, maior critica:
Isso só rende dinheiro
Quando se encosta á politica.

— E se politico eu fosse
Doutorado em gritarias...
Não arranjava arroz doce
P'ra comer todos os dias?

— Isso... lá é melhorsinho
E chega a dar mão de vacca...
Mas tropeça em tal caminho
Quem não virar a casaca.

— O' pae, e se eu fosse padre?
Encheria bem a tripa?...
O filho do seu compadre
Stá gordo como uma pipa.

— Pois acertaste esta vez,
Meu caro filho Gonçalo;
Madrão como tu és,
Dás um masmarro de estalo.

CONTO DE NATAL

O jantar do tio Sovela

Na sua pobre loja o tio Sovela levanta a cabeça para os vidros da porta, entre duas martelladas n'um palmo de sola, poisada sobre o seixo negro encaixado nos joelhos.

Por detraz da vidraça dois garotos, arremedam-no, fazem-lhe figas, desenham com as mãos sujas, sombras negras nos vidros, tapando-lhe com os corpos a pouca luz de um dia de inverno.

Ao principio o pobre velho não fez caso, mas como não conseguisse vêr para trabalhar, levantou-se direito á porta... e os garotos fugiram.

Na casa fronteira morava, havia pouco tempo, uma familia com creanças, a mais velha teria quatorze annos. O velho ficára pensativo encostado a hombraeira. Uma carroça chegou com uma grande arvore de natal e muitas caixas e embrulhos. A's janellas appareceram riosas, as cabeças das creanças, quando a carroça parou.

O velho sapateiro recordou-se: é verdade, amanhã é o dia de Natal! E foi para dentro e em vez de trabalhar, foi buscar a uma gaveta duas botas uma de creança e outra de pessoa maior, sentou-se e poz-se a pensar, muito, triste, acariciando-as com as mãos.

As creanças viram isto e uma d'ellas disse: olha, o mestre Sovela — chamam-lhe assim — a fazer festas ás botas. O que será? replicou a outra. A mais edosa reparou no velho, no seu pensar profundo, pareceu-lhe que elle soluçava, disse-o aos irmãos e ficaram-se todos a olhal-o, muito tristes tambem.

D'ahi a pouco o sapateiro levantou-se, foi para uma casinhola do fundo da loja, onde havia uma chaminé e fez fogo. Sentou-se e com as botas ao lado, começou a pensar nos antigos donos d'ellas, um neto e uma neta que lhe haviam ficado da filha querida, morta n'um parto. O neto o mais velho morrera no mar; a neta não se sabia de quê, nas vespas do casamento, uma febre, um ar, nem se sabia.

Os dois mortos tinham-lhe levado o desejo de viver, a vontade de trabalhar.

O seu negocio, a sua loja acreditada na cidade, sentiram-se do abandono, desfalleceram, morreram. Estava só, isolado, na sua pobreza, morrendo n'aquella saudade... As lagrimas caiam-lhe pela cara rugosa. Cancado, sobracando as botas deitou-se sobre a pobre enxerga e adormeceu. De manhã ao levantar-se viu uma carta por debaixo da porta. Era uma carta com uma letra, infantil. Levantou a cortina para lêr e leu:

Querido sr. Sovela. Desculpe não sabemos o seu nome. Queremos que venha jantar connosco, esta tarde, ás quatro horas. Somos os seus visinhos do outro lado da rua e conhecemol-o muito bem. Temos licença para convidar quem quizermos e como não conhecemos aqui, ninguém, queremos começar fazendo o seu conhecimento.

Se aceitar levante a cortina da vidraça, mas queremos que accete.

Muito sua amiga

Mable.

O velho levantou os olhos para as janellas fronteiras. N'uma d'ellas as cabeças dos pequenos alinhavam-se risonhas; todos ao vel-o olhar começaram aos saltos e a dar palmas. A tarde foram buscal-o.

O pobre velho sentiu no coração envelhecido o calor dos corações das creanças e pôde esquecer, por momentos, o que havia annos não conseguia, o rosto da neta que morrera nas vespas do casamento e do neto que se sumira por entre as aguas do mar.

OS PERÚS... VELHOS



ISTO É QUE É GADO!!...



Favores da Lua

A E. S.

Il importe d'ailleurs fort peu
que la raison de cette dédicace
soit comprise.

Baudelaire

A Lua, que é o capricho em pessoa, espreitou pela janella, uma occasião em que dormias no teu bercosinho, e disse para consigo: «Agrada-me esta creança.»

E então, desceu vagarosamente a sua escadaria de nuvens e escoou-se silenciosa atravez da vidraca. Depois, inclinou-se para ti, com a ternura infinita de uma boa mãe, e imprimiu-te na face as suas côres. Tuas pupillas ficaram verdes, e empallideceu extraordinariamente a tua face. De contemplarem essa phantastica appareição, adquiriram teus olhos uma grandeza estranha; e a sua mão apertou-te a garganta com tal ternura, que ficaste para sempre com vontade de chorar.

Entretanto, na sua expansão jubilosa, a Lua fluctuava em torno ao teu berço, semelhante a uma atmosfera phosphorescente, a um veneno luminoso; e essa luz, onde palpitava uma existencia, pensava e dizia assim: «Tu soffrerás eternamente a influencia do meu beijo. Serás bella a meu modo. Amaras o que eu amo e o que me ama: a agua, as nuvens, o silencio e a noite; o mar immenso e verde; a agua informe e multiforme; o lugar onde te não sentires; o amante que não conheceres; as flôres monstruosas; os perfumes que fazem delirar; os gatos que enlanguecem em cima dos pianos, e que suspiram como as mulheres, n'uma entoação rouca e dôce!»

«E serás amada pelos meus amantes, requestada pelos meus cortejos. Serás a rainha dos homens de olhos verdes, d'esses a quem eu tambem comprimi a garganta, nas minhas caricias nocturnas; d'esses que amam o mar, o mar immenso, tumultuoso e verde, a agua informe e multiforme, o lugar onde não estão, a mulher que não conhecem, as flôres sinistras que se assemelham a thuribulos de uma religião desconhecida, as essencias que perturbam a vontade, e os animaes selvagens e voluptuosos que são o emblema da sua loucura.»

E é por isso, maldita creança idolatrada, que eu esto agora a teus pés, buscando em todo o teu ser o reflexo da terrivel Divindade, da fatidica madrinha, do seiô que envenena todos os lunáticos.

N. de L.



Um caso muito sério

D. Maria Procopia andava afflicta
Por star no seu estado interessante;
E o marido, um senhor negociante,
Foi chamar a parteira Ambrosia Ritta.

Esta vem; dedicada se exercita
No seu alto mister nobre e prestante;
E depois de, a suar, lidar bastante,
Vem á luz a creança, e bem bonita.

Mas o marido não se vê tranquillo,
Ao seu novo *néné* não dá apreço
E sente como um nó no gorgomilo!...

Nascera-lhe um boneco, e nada guesso,
Mas branco como a cal!... E tudo aquillo
Por ella ter comido: «o pão com gesso»!

Roubo

Um guarda livros do Porto, cujo nome não vem ao caso, accusado de ter roubado, por ultimo, cinco contos ao patrão, foi preso e declarou que era verdade.

E porque? perguntou-lhe a policia.

Por causa do jogo e das mulheres! Bem, mas o mais curioso é que o homem começando o periodo das confissões não pára e confessa que tambem tinha já gasto uns tres contos da herança da mulher.

Mas em que tem gasto vossê todo esse dinheiro?

E elle a responder, placidamente: com o jogo e com as mulheres!

E continua dizendo que já no Brazil fora tambem preso por comprar setecentos mil réis de fazendas n'uma loja e não pagar.

— Porque não pagou?

— Não tinha já dinheiro nenhum...

— Porque?

— Por causa do jogo e das mulheres.

E acaba ainda por participar que ao sogro rebentára ainda alguns contos...

— Com que?

— Com o jogo e com as mulheres!

Irra!

Este facto vem dar toda a força á moralissima prohibição do jogo, do conselheiro Hintze, o mais encarregado inimigo do az de copas.

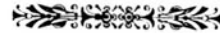
Ora, da inspecção dos motivos do crime vê-se que o homem foi tanto victima do jogo como das mulheres.

Logo o sr. Hintze só tem a fazer um decreto prohibindo a mulher!

Pode fazel-o, até em verso, porque musica já ha na opereta:

Mulheres, mulheres,
Não devia haver...

E terá assim alcançado o descanso dos guarda-livros e da *pasta globosa que os rapazes da melhor sociedade...* etc.



A Loteria 4

— Ganhava pelo officio
Os meus dez tostões por dia;
Por ambição ou mania,
Se antes não foi maleficio
Nigromancia ou bruxaria,
Contraio o maldito vicio
De jogar na loteria:
E na fé que me devia
Raiar um dia propicio,
Eu, que d'antes nem sabia,
Desde então... (quem me diria!)
Acho a caza uma enxovia
Acho o trabalho um supplicio...
E de vossa senhoria
Que espero algum beneficio!

* * *

— Eu ainda que quizesse
Fazer-lhe algum sacrificio,
Tenho familia de mais;
E a Santa Casa parece
Que é que deve em casos taes
Valer a quem empobrece:
Appresente-se aos vogaes
Assim mesmo esfarrapado,
Conte-lhe toda a verdade
E fie-se na caridade
De quem o poz n'esse estado.

JOÃO DE DEUS.

4 Bilhete de visita ao sr. Ribeiro, vulgo Hintze, a proposito da Grande Loteria que so cá aos de casa sacrificou quinze mil réis. Isto é sendo o jogo prohibido, está claro.

O cumulo da arte

A M. DE MESQUITA

Illustrissimo Senhor
Marcelino de Mesquita,
Todos dizem que o doutor
Sabiamente se exercita
Em dar á scena primor.

Um caso vou-lhe contar
Sucedido em certo burgo,
No qual poderá notar
Té onde pôde chegar
A arte d'um dramaturgo.

A tragedia em scena estava
(E é tal qual como lh'o conto:)
Tudo á porfia chorava
Porque apenas escapava
De ficar defunto, o ponto.

Não chorando e gastar resma
De papel a escrevinhar,
O auctor, não era lesma,
Creu que sermões de quaesma
Era capaz de prégar.

Viu chorar seis agiotas
Dos do seu conhecimento...
Alminhas muito devotas,
Das que emprestam a janotas
Não sei a quantos por cento.

Viu chorar dez batoteiros
Dos que merecem um tiro,
Porque roubam os parceiros.
Não se confessam (bregeiros!)
Nem dão sequer um suspiro.

O auctor, que triumphava,
E que se enchia de vento,
E quasi até, estoirava,
Quiz vér té onde chegava
A força do seu talento.

Chama quatro de barrete;
E a todos aquelles quatro
Dá para a festa um bilhete;
E mui cortezmente os mette
Dentro do bello theatro.

Choraram como uns damnados!...
Alcançou c'roas de loiro
O auctor... porque... os chamados
Eram velhos empregados
Nas lides do matadouro!

VENANCIO.



Historieta velha

O padre mestre d'um convento, um dia
Chamou das suas hortas a caseira
E mandou-lhe vender em certa feira
A mula, que era cega e não servia.

Mas a mula não teve freguezia
Porque a mulher, christã mui verdadeira,
A quem lhe perguntava: — «Tem manqueira?»
Logo o grande defeito lhe dizia.

E contou isto ao padre santamente,
Elle faz um focinho quesilento
E diz, rangendo o mal seguro dente:

—«Oh! besta inda mais besta que um jumento!...
Ensinei-lhe a saber que não se mente,
Mas é, apenas, dentro do convento!»

Coimbra — Epistola

Coimbra, a terra onde se fazem doutores, tem sido
violentamente abalada nas suas bases, pelo berreiro infernal
dos rapazes apregoando jornaes a toda a hora e a todo o instante.

A primeira foi a esplendorosa e radiante — *Estrella Academica*.

Uma revistinha pequenina de folhas amarelladas como os rostos chupados d'alguns collaboradores, empregando um tal sentimentalismo nos escriptos, que até faz chorar d'alegria as... raparigas da sua rua.

Olhem para isto.

«...N'ellas vejo a sagrada eucharistia do amor, o confrangimento d'um coração agonisante, uma symphonia de luz e guirlandas, incutindo em todos os espiritos imberbes o calino conforto d'um ser contrito e fervido».

Chucha!

A *Rua* — onde appareceu a carantonha do celebre Pad'Zé de fauce arreganhada...

O *Pagode* — jornal de fina e requintada piada, propriedade de bichos sonicos...

E' director o grande e genial poeta — *Mostarda* — auctor do grande e inimitavel poema — *Missa Nova*.

Como se vê, Coimbra toca o zenit da civilisação.

ENGUIÇO.



O peru do Zé Povinho

MOTE

Peço o peru do Natal,
Peço como esfomeado,
Para eu não ser condemnado
As iscas do Arsenal.

GLOSA

Eu ná praça entrei sisudo,
Vi lá perus a valer,
E era capaz de os comer
Com pennas e monco e tudo:
Mas, sôr Veiga, o fado é rudo,
Ando baldo ao que é metal;
E, sem fazer estendal
De palavreados juntos,
Por alma dos seus defunctos
Peço o peru do Natal!

Eu voto nas eleições
Que o regedor determina,
E quando apanho a cardina
Ferro calote aos patrões:
Ganho apenas seis tostões
E p'lo jogo sou tentado...
Valha a este desgraçado
Que já vae perdendo o accordo...
Um peru que seja gordo
Peço como esfomeado!

Na taberna tudo é mau;
Lamento o meu fado cru:
Ver os mais comer peru
E eu ficar a bacalhau!...
Venha a mim tambem pitau,
Seja um pobre regalado...
Venha o peru depennado
Porque eu não sei fazer isso...
Dispense-me esse serviço
Para eu não ser condemnado!

O Redemptor, como creio,
Prégou liberdade um dia,
Mas seu tempo não perdia
Dando cá outro passeio:
Pois que venha pôr um freio
No mundo tão desigual;
Tenham todos um Natal
Do melhor que a Deus pedirem,
E vão ao Matta em vez de irem
As iscas do Arsenal.

A eterna arvore do Natal



Caixeiro — Venha cá, seu Zezinho, escolha á vontade, que aqui é tudo premio e nada branco.
Zezinho — Sim, sim... o branco sou eu que te aparo o jogo...



PORTUGUEZ

DIRECTOR — MARCELINO MESQUITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR Antonio da Fonseca e Sousa
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO T. DA BOA HORA, 39
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO Typ. e lith. R. de Sousa & Salles R. N. de Loureiro, 25 e 29

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 12000 réis	Brasil, anno (52 numeros)..... 22500 réis
Semestre (26 numeros)..... 6500 réis	Africa e India Portuguezas, anno... 12000 réis
Cobrança pelo correio..... 2100 réis	Estrangeiro, anno (52 numeros)..... 12500 réis

Toda a correspondencia dirigida à Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39, 1.º



CYPRIANO DE CASTRO

CYPRIANO DE CASTRO

O general Cypriano de Castro é o presidente dos Estados Unidos de Venezuela, a pequena republica, em lucta com as maiores potencias da Europa, a Alemanha e a Inglaterra.

Passa como habil general, de energica vontade e como parlamentar de primeira ordem.

Subiu ao poder pela força das armas, conserva-o sem receio e sustenta-o, com a maior coragem contra as referidas potencias.

E' da actualidade a publicação do seu retrato.



CASOS E COISAS

Os Humbert

É uma curiosa tarefa analysar, por summariamente que seja, a impressão produzida, entre nós, pela prisão da celebre familia, cujo nome tem hoje, em todo o mundo, uma triste celebridade.

Todos sabem que madame Humbert conseguiu, a titulo de possuir em liquidação uma fortuna colossal de um americano inventado, arranjar por emprestimo, arrancar a agiotagem mais ou menos disfarçada a linda somma de 50 milhões de francos. Mil contos de réis pouco mais ou menos.

Toda a gente sabe que ella os gozou: comprando bellos palacios, onde viveu; dando festas e bailes luxuosos, viajando, etc.

O dinheiro não era d'ella. Tal americano não existiu nunca. E como tudo isto é sabido e provado, só resta concluir, e todos concluem, que madame era uma ladra de primeira força.

Elle e os cumplices; ella e a familia.

Descoberta a trama fogem, e mezes depois são prezos em Madrid.

Ora é agora que se dá o caso curioso de, em vez de toda a gente se regozijar com as prizoês, como satisfação natural á sociedade, como meio de se ir fazer justiça a tão grandes criminosos, dá-se, repito, o caso curioso de não ter ouvido senão expressões como as que cito.

— Coitados, estão presos!

— Estão prezos os Humbert? que pena!

— Que estupidos! deixarem-se apanhar assim!

— Elles vão dizel-as bonitas, vocês verão. Aquillo não se faz só. Vae ser outro Panamá.

E, ainda outras phrazes que revelam ou pena ou desejos de minorar castigos, por intervenção plausivel de outras pessoas graves e de alta posição.

Não é curiosa esta sympathia pelo crime, sympathia que eu vi manifestada, claramente, em Lisboa; mas o que é mais, no campo, onde o crime maior, que se não perdôa é o roubo?

Qual a razão? Um pouco de sentimentalismo, a principio, que o povo tem por todo o que se desgraçou, se condemnou a uma vida de trabalhos, de expiação, futuros.

Disse Bergerat: aos olhos do povo um crime é «de principio» uma desgraça.

Esta concepção intima, revelava se já nos mezes

em que a policia franceza, andou de Heroões para Pilates, seguindo pistas, largando pistas.

— Não os apanham, já.

— A esta hora, com dinheiro, aonde estarão elles.

— E' uma mulher finissima, havia de estar preparada para o caso.

E, o desejo do malogro policial, sae nitido de todas estas phrazes, que todos nós ouvimos, uma vez, muitas vezes.

Parece-nos viver entre quadrilhas de ladrões que fazem votos pela salvação dos collegas.

E' pois este fundo sentimental comprometedor, na apparencia, que leva a comiserção pelo crime de madame Humbert.

Depois é ainda o crime de uma mulher!

Tem o seu quê de poesia, de graça, de estranhamente delicado, o facto de ver enganados por um imaginativo cerebro feminino, os cautelosos senhores de grandes capitães; abertas de par em par para exodos de ouro, as burras de enferrujados quícios para qualquer empreza honesta de homem honrado.

E' grande o *truc* em que girou esta comedia que vae descair em drama; e, quando o auctor é feminino, ha o instincto natural de applaudir, com menos consciencia, por menos reflexão.

Depois, o crime, qualquer que elle seja, hoje, só excepcionalmente nos apparece na selvagem nudez d'outro tempo, de cabellos hirsutos, olhar esgaziado e tragico, «barba esqualida e dentes amarellos» espalhando o terrôr, solicitando a vingança terrivel, a morte liquiadora.

Tem, hoje, outra apparencia, o misero; e, não raro, nos apparece com o ar doce d'um bom, com a candidez branca de um santo.

Cheg u-se a esta vergonha, ó Justiça!; mas que se lhe ha de fazer?

Uns miseraveis, uns sabios de pechisbeque, não se fartam de escarafunchar nos cerebros doentes, de fazer experiencias, exames, analyses, toda a casta de maleficiosos trabalhos, para estudar a especie, para conhecer o homem, a razão dos seus actos, de todo o seu ser, de toda a sua vida.

E, são elles que veem, com physiologias e psychologias, atirar lama á tua tunica branca, e cuspiendo desdenhosamente na tua espada immaculada, atirar um pontapé ás tuas balanças, como se fossem ahi de qualquer mercearia, de pratos falsificados e fiel torto!

Sucia!

D'estas e d'outras vem que o crime de madame Humbert, devendo ser doloroso para os pacientes que emprestaram o seu rico dinheiro, não nos punge na generalidade.

E de egoismo humano o ter-se pouca dôr pelas maguas que os outros tenham e que nos não possam alcançar.

Ora emprestar, assim, 50 milhões de francos, não é coisa que se possa fazer todos os dias, com grande facilidade.

Ha até um ditado, que diz, pouco mais ou menos: pena que me não alcança, fraca pena.

Um crime pode impressionar-nos ainda pelos resultados.

Roubar a um pobre o fructo do seu trabalho de annos; roubar ao que trabalha dia a dia as pequenas economias da sua arca; e tantos casos analogos, são factos que pungem e pelos quaes a nossa alma se commove e se levanta n'ella a necessidade do castigo, por um sentimento de justiça que ha em toda a gente bem formada.

Ora quem empresta um milhão de francos é porque tem mais alguns; mais do que precisa ter.

Ao cofre hydropico consegue a mão fina de uma mulher surripiar um cento de notas de mil francos... é um crime, naturalmente é um crime...; mas sobre-

vem logo o criterio: nenhuma vida humana chega, hoje, para se ganharem, honradamente, cinco ou seis milhões! A quem, a que suor, a que trabalho, a que lagrimas, a que miserias os roubaria o dono d'esse cofre?

Pergunta cruel e fatal; mas que irrompe do nosso espirito, como um desforço da honra interior — da consciencia.

E este estado de consciencia, sentido ou não, que se expande externamente, nas exclamações, que por toda a parte se ouviram, com a prisão de madame Humbert e familia.

— Deixaram-se prender, que pena!

Acabo o artigo, abro o *Seculo*, de 22 e nos telegrammas, leio:

«Porto, 21, t. — Tem-se falado hoje muito no caso da prisão de Humbert e Daurignac. Como simples informe, que constitue um apanhado da opinião publica, direi que ninguem se indigna ou revolta contra os accusados, não tendo ouvido senão lamentar que elles fossem presos.»

Lá pelo Porto a mesma opinião. Hein?



Conversa entre officiaes de barbeiro

Illustrissimo collega

E senhor official;

A minha alma não sozêga

Sem saber se a cegarrega

Lhe deu *massa* este Natal.

Os tempos vão muito ingratos.

Anda tudo sem vintem;

E alguns, que não andam *chatos*.

Ja dizem que não são *patos*,

Para guardar o que tem!

Elle, a falar sem parola,

As *coisas* não andam boas...

E a gente menos patola

Vae considerando esfola

A pedinchice das brôas.

Dizes bem: — Vem o barbeiro

E apresenta a sua caixa;

O do jornal linguareiro,

E logo atraz o carteiro

Que corre as ruas da baixa.

Pedem os que engraxam botas.

Os andadores da festa,

Os continuos das batotas.

E os sacristas as devotas...

Fica sabendo mais esta!

Pedem cocheiros de tres

Quando lhes dá na veneta;

E vão augmentando os bens.

Arrecadando vintens

De contrapezo á gorgeta.

O povo todo já guincha.

Encolhe a bolsa, respinga;

Até a riqueza rincha,

E, ao vér tamanha pedincha.

Foge com elle á seringa!

Inda assim: — entre os freguezes

Achei um, homem de brio:

— Deu dois sob'ranos inglezes

Porque o barbeei seis vezes

Sem dar dois golpes a fio.

Confidencia

O creado collocara sobre a pequena mesa de chá, com embutidos de prata, em frente da ottomana, a bandeja com o café.

A conversa banal dos dois, se ha conversa banal entre dois amantes, morrera de repente, com a interrupção.

Tinham caído n'um d'aquelles deliciosos e vulgares silencias em que dois cerebros falam mudamente, em que se adivinham os pensamentos, em que o ruído pa rece uma profanação á silenciosa conversa de duas almas que se acariciam no segredo d'uma adoração tacita, em que a palavra que se solta tem a grosseria, a aspereza d'um intruso, o quer que seja d'uma nota rude na harmonia doce das idéas que passam pelo cerebro como um collar de perolas brancas.

O ambiente morno do gabinete, enchia-se de perfume voluptuoso que entrava pela janella do jardim, das rosas percutidas pela chuva e dos cachos de lilazes azues que uma aragem mais forte balançava.

Passaram minutos.

Esther levantou, lentamente, do almofadão a cabeça, ergueu a meio corpo e, tomando a mão de Luiz:

— Amas-me muito, Luiz?

— Elle, olhou-a com um ar de indefinido encanto e sorrindo respondeu, apertando-lhe contra o peito a cabeça que beijou docemente.

— Esther inclinou, para traz, a cabeça livre da pressão e fitando-o: — amas-me muito, muito?

— Muito, respondeu elle, tu o sabes.

— E porque me amaste?

E, como elle permanecesse silencioso, sorrindo da pergunta, com ar de ingenuidade affectada...

— Sim, porque me amaste, tu, cujo coração parecera ter ficado em Paris n'algum museu de escola, ou preso á tranca loura de qualquer Manon de cervejaria? Tu, que acceitavas com uma altivez de príncipe proscripto, a côrte das mulheres, tu a quem ninguem conhecera uma sympathia vehemente, uma distincção precisa, um amor? Diz-me, diz-me porque me amaste então?

E, como elle hesitasse ainda, ella exclamou despeitada, nervosa, cheia de anciedade:

— Pela minha belleza?

E sorria, entre receiosa e contente, de quem ousa fazer uma pergunta grave e teme uma resposta franca:

— Não, minha Esther, não! Tu és realmente bella!

Nenhuma mulher egual a estranha elegancia do teu corpo, nenhum busto, remeda, sequer, a altiva soberania da tua cabeça cheia de luz!

Quando andas, todos os homens seguem com o olhar avidamente acariciador o ondear voluptuoso do teu corpo; quando falas a tua voz docemente sãtida, d'uma vibração crystallina, musical, acariciadora, arrasta-nos para ti, para o teu amor, com os antigos cantos das searias aos velhos navegadores do mar tenebroso —!

— E não te bastaria tanto para me amares?

— Não, minha amiga, não!

— O teu olhar é bello como uma aurora!

«Ha na tua pupilla humida e negra todas as promessas de um longo amor, cheio de caricias, de sonhos perfumados d'um fogo estranho e louco.

«No breve til da tua bocca de rosas espreitam enxames de beijos; e a tua longa tranca, ampla como um manto de rei, luminosa como um diadema, provoca o hesitante errar dos dedos tremulos na vastidão dos seus meandros d'um atrico electrico e d'uma garçilidade de teia veludosa!

«Mas só por isto, ó minha Esther, eu não te amaria assim!

Ella ouvia-o, inclinada sobre elle, como se lhe besse as palavras com o olhar.

Gozando da surpresa Luiz continuou:

— Na noite em que te fui apresentado, no baile da condessa, lembra-me que mergulhando a vista no teu colo, ao vér pulsar brandamente o teu peito casto, d'um

POLITICA CONTEMPORANEA



NOTA 1.— E mais uma vez a situação se salvou.

modelo de estatua, perfumado como a corolla d'uma magnolia e branco como as petalas d'esta flôr singular, me senti deslumbrado, como perante um sonho de amor aberto — pela primeira vez — a contemplação d'um coração de vinte annos!

Mas não te amava ainda, meu amor, eu não te amava ainda!

Ella, curiosa, infantil, apertando-lhe as mãos e chegando-se a elle quasi a tocar-lhe o rosto com os olhos, a boquita meia aberta, n'um sorrir nervoso que espera uma revelação e engatilha um beijo:

— Diz, diz, porquê, então?

— Lembra-te da noite em que saímos da Opera? Uma noite fria, aspera, cruel, em que a neve caia em grandes flocos? A tua carruagem parou impedida por um obstaculo que jazia no solo. Era uma creança enregelada, pequenina e magra, d'um louro cendrado, que o frio prostara e que ia morrer!

Então tu descestes do carro e tomaste-a nos braços. Lembra te?

— Sim, lembra. Como era gentil a pequenita.

— Radiante de belleza, com uma alegria sobrenatural misturada de receio, o rosto animado d'um clarão maternal, trouxeste-a até a casa, encostada ao peito, carinhosamente, a animal-a com o teu color e com os teus beijos!

Tu, bella, envolta em pelissas e rendas preciosas, apertando contra o collo n'um corpo andrajoso da pequenita, lembraste-me uma flôr radiante que acariciasse, na frescura da corolla immaculada—o corpo miseravel d'um verme!

— E n'essa noite...

— N'essa noite amaste-me! — interrompeu Esther, com o olhar humido, os labios trementes, a voz velada por uma commoção de intima felicidade.

— Sim, n'essa noite amei-te! — e passando-lhe o braço pela cinta a apertava docemente ao peito — por que n'essa noite, tu foste verdadeiramente bella, ó minha amada! Porque todo o encanto d'uma mulher, todo o esplendor d'um collo feminino, toda a humidez voluptuosa d'um olhar, toda a belleza, enfim, é banal e ephemera se a não anima, se a não vivifica, a intelligencia e a bondade! — a liga sublime d'estes dois meaes — o forte, que nasce do cerebro, o fraco, que deriva do coração!



Informes

Na captura dos Humbert. Diz a reportagem:

«Procedeu-se ao inventario, e, terminado este, a familia foragida entrou no Carcel Modelo.

Ordenadas as buscas, arrancado o soalho, apenas na retrete foram achados alguns importantes documentos.

Fica-se sabendo que a retrete era debaixo do soalho (que posição incommoda!) e que foram ali achados alguns importantes documentos.

De que?

É preciso explicar.

Fechaduras

O governo fechou o *Club do Calvario*. O governo fechou o *Club José Falcão*. Este governo, pelos modos, fecha tudo, menos os conventos e casas de educação religiosa. O mais é o que se vê.

Ha porém uma coisa que o sr. Hintze não é capaz de fechar — é a botca.

É pena porque lhe estraga o perfil, aquelle prognatismo tão proprio dos grandes homens e dos oragos.

É pena!

O harem do Shah

O illustre *Shah*, homem terno, Destro em fazer *pé d'alferes*, Lá tinha pra seu governo Mil setecentas mulheres.

Achava poucas (julgo eu)
A tropa do batalhão;
Porém *Zé persa* entendeu
Que era sobeja a razão.

Um diaorceu a venta,
Julgou que a dose era forte:
Deixou-lhe apenas sessenta...
E vamos que está com sorte!

Teve alta sabedoria
O *Zé* da Persia illustrada,
Porque o homem não podia
Dar conta d'essa empreitada.

Em todo o caso, dirá
A gente que não é leiga:
Elle seria de *cha*...
Mas não de pão com manteiga?

«Quantos filhos conta o Shah?»

Pergunta o leitor amavel.

— Eu não sei... calculará
Por umas ovas de savel.

— «Todos starão vaccinados?

Um d'elles será birrento?»

— Só sei que estão bem creados
Por que comem do orçamento.

Oh! terra da boa alfaca,
Que tal fóra a maniversia
Se por aqui espigasse
Algun pepino da Persia!!

Z.



Viazens a estudos

Hão de ter notado que, de ha um tempo para cá, medicos, mestres d'armas, homens de direito, que vão a Paris estudar, todos o fazem, todos vão á sua custa!

Chegámos ao mais extraordinario dos resultados n'isto das idas a Paris. Antigamente suppunha-se e com certa razão que para viajar pela Europa, dar um passeio até ao paiz d'onde viemos todos n'uma condeca de verga, era preciso ter meios, attendendo a que comboios, carruagens e hotéis se pagavam por bom dinheiro.

Hoje chegámos á perfeição de ser tão facil ir a Paris como a Cascaes, desde que se seja parente ou amigo d'um ministro, desde que se possua uma aptidão qualquer ou ainda se nao se possuir nenhuma: o que será muito melhor.

Tudo vae a Paris; e, santo Deus, tudo vae estudar, inquirir, vêr, para vir derramar sobre o paiz o fructo das inquirições, estudos e vistas.

Na minha rua só ha quem não tenha commissão a desempenhar em Paris, eu, um cego que pede esmola á esquina e o cão, a costureira do quarto andar e *su madre* e duas figuras d'um namoro nocturno, da meia noite, que pelos modos nos estudos reciprocos não têm tempo de estudar para os mais.

De todos os misteres e de todos os officios, a quatro mil e quinhentos por dia, uma alluvião parte todos os annos, a vêr, a copiar, a cheirar a arte e a industria, o commercio, a vida airada, as leis e os costumes.

N'esta bebedeira de commissões e de commissiões irrisorios, n'esta patuscada ridicula e desmoralizadora, n'esta caravana de *Paturós* á procura de po-

sição social, os raros que vão na onda, sérios e dignos teem de gritar á portinhola, ao saírem: patria, terra de meus paes, não vou divertir-me á tua custa; patrios, quando beber, lá fóra, o sensaborão Medoc ou o espumoso Champagne, eu vos juro, com a mão sobre o coração, não beber o vosso sangue!

E a patria pasma de espanto! Vae á sua custa! Inda ha portuguezes, inda ha netos de D. João de Castro!

Confessemos no entanto que é extraordinario um paiz em que qualquer sujeito que passa a fronteira tem de declarar que viaja á sua custa, para não passar por parasita ou por explorador.

Se lá fóra entendessem o portuguez que idéa fariam, inda mais triste, de nós. Inda bem que o não entendem, senão... que pratinho não seriam os nossos relatorios.

Vão á sua custa, dizem os jornaes; mas como o dizem de todos, é impossivel já distinguir os borlistas. D'onde resulta que o melhor é ir — de borla.



Arreda...

O jornal catholico, apostolico, romano *A Palavra*, enunciando a appareição do jornal humorístico *O Petardo*, diz que este vem preencher no jornalismo catholico uma falta que era preciso, indispensavel, sanar.

Porquê, exclama o doce collega:

«A meu ver, é este o unico meio que ha para combater certos inimigos da fé, que já não fazem caso da logica, da dignidade e da honra.

«Por isso expol-os ás gargalhadas estridentes das turbas, caustical-os com sarcasmos bem sinapizados, contundilos com rinchavelhadas aturdidoras, para que elles se descam da sua turgida infatução, é um beneficio que se lhes faz e que ninguem poderá extranhar. Que meio mais effizaz para combater esses catholicos «pelo cerebro» e «pelo coração» e que são judeus ou herejes nas palavras ou nas obras, esses «Mariolanos», Navarrottes, et reliqua» que nos tem empobrecido com as suas grandes comedorias e que, como os reisets da Africa, querem que nós nos curvemos diante d'elles e digamos «amen» a todos os seus caprichos?

«Que meio mais effizaz para combater esses politicos roubadores, mas safados, que, appezar dos seus excepçionaes talentos, como os amigos os proclamam, a unica grande obra que fizeram, foi levarem a nação á ruina?»

Com que então, sarcasmos com mostarda, (que estranho preparado) rinchavelhadas atordoadouras — logo nos rins? — Diacho, lá nos parece que a mansidão evangelica, leva o seu pontapé n'esta therapeutica?!

Christo nunca deitou sinapismos, nem préguo chavelhadas em ninguem.

De modo que os taes catholicos falsos que vão apnhar estes ataques só teem uma coisa a fazer — é entrarem para o grupo de forçados do Campo Pequeno.

Nunca ninguem havia de imaginar que os ataques dos catholicos sinceros haviam de ser pegados — de cernelha!

Mais moderação meninos!

Seria bom substituir o petardo por um chicote. Foi mais que permittir o Mestre, batendo os vendilhões do templo.

Deixem lá os petardos e os chavelhos que são coisas rijas demais... para a polemica.

MOTE

*N'um palheiro nasce Christo,
Senhor do genero humano;
Compareae agora, isto:
Um palheiro e o Vaticano!*

M. MESQUITA.

GLOSA

Nasce o rei, sim, a chorar,
Mas em palacio doirado,
E vem logo destinado
Para um dia governar:
Tem creados a faltar,
Humildes, está bem visto;
Porém reparem lá n'isto
E guardem no pensamento:
Entre um boi e um jumento
N'um palheiro nasce Christo!

O que na testa sustem
A corôa de menarcha,
Já quer vêr se o mundo abarca.
Não o contenta o que tem;
Christo só prérgava o bem,
Não tracou guerreiro plano;
Quiz varrer do mundo o engano,
Acabar com o que é falso...
E foi, andando descalço,
Senhor do genero humano!

P'ra proclamar as verdades
Que lhe saiam dos labios,
Procurou, em vez de sabios,
Pescadores sem maldades:
Não deu guarida a vaidades
Que eram sobre a terra um mixto;
Os pobres foram de Christo,
Foi desprezada a riqueza...
Mas, amigos da grandeza,
Compareae, agora, isto:

Christo, Deus, Nosso Senhor,
Nasceu em cima de palhas,
E quiz que a lei das batalhas
Sucedesse a lei do amor;
— Ora agora, meu leitor,
Sejas fulano ou sicrano,
Dize-me aqui em tom lhano
Para ensinar-me o que baste...
Se alguma vez compareste
Um palheiro e o Vaticano!

EXPEDIENTE

A imprensa da COMEDIA PORTUGUEZA, para fazer terminar o primeiro anno d'esta publicação (22 numeros) com o actual anno de 1902, resolveu publicar dois numeros extraordinarios, um no dia de Natal e outro no ultimo dia do anno.

A CAPA D' A COMEDIA PORTUGUEZA

A CÔRES E DOURADA

PARA O 1.º VOLUME

Preço 600 réis

A administração encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos da provincia para remessa de capas, devem ser acompanhadas de mais 40 réis para porte do correio.

CARNAVAES



O que fol-

O que dizem que vae ser-



REVISTA
Semana
DE
CRITICA
POLITICA
LETRAS
ARTES,
COSTUMES

PORTUGUEZA

Director—MARCELLINO MESQUITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR Antonio da Fonseca e Sousa REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO T. DA BOA HORA, 39 COMPOZIÇÃO e IMPRESSÃO Typ. e lith. R. de Sousa & Salles R. N. de Loureiro, 25 a 26

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)
Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 12000 réis Brazil, anno (52 numeros)..... 24000 réis
Semestre (26 numeros)..... 6000 réis Africa e India Portuguezas, anno... 12000 réis
Cobrança pelo correio..... 2100 réis Estrangeiro, anno (52 numeros)..... 12000 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travesa da Boa-Hora, 39, 1.º



PARTEIRA: — Que belleza! Deus te faça melhor do que os teus dois manos.



CASOS E COISAS

Quando leres a minha chronica, o anno moribundo, irremediavelmente perdido, terá lançado o seu ultimo suspiro no leito onde tem morrido, com a periodicidade das gottas d'agua caindo no reservatorio d'um clepsidra antigo, a sua geração, longa como as agonias da humanidade e infinita como ellas.

Na sua vida, pequena, insignificante, mesquinha de tempo, mão ciclopica, desconhecida, marcou a tinta de fogo immorredoura um *memento* cruel e jamais tangivel.

Passou. E' assim que passam nas mentes escandecidas das febres, os espectros, que surgem, no turbilhão negro das creações phantasticamente anômalas.

Entram, sem se saber como, no circulo quente dos delirios e somem-se, ao longe, depois de nos esbofetarem, em gargalhadas horribes e esgares em que se mistura a cabriola do primate, ao lugubre riso do carasco!

Mundo extraordinario, de quadros, de scenas, de figuras, tão impossivel de reproduzir pela penna ou pelo pincel, como impossivel o regressar um atomo na escravidão despotica do tempo.

Passou: sobre a face dos doentes os invisiveis despotas dos delirios, deixaram a pallidez dos cadaveres, os sulcos das lagrimas corrosivas, o amortecido olhar das intimas afflicções.

Humanidade, tu não poderias indagar sobre o teu peito os vergoes negros do *knout* selvagem do senhor que morre; — r-me-hia preciso profundar nos antros horrosos das tuas miserias sem nome, descer as origens psychicas dos largos rios do teu pranto e mergulhar-me nos meandros das tuas ambições e dos teus vicios. Não me bastara para abrir o caminho n'esta exploração colossal, a espada luzente do archanjo de Milton e a luz condensada das nebulosas gigantes.

A treva prevaleceria sempre.

Nos arrancamos dos corpos das mulheres o delicado cerebro, fazemos convergir sobre elle os estudos da humanidade inteira, ouvimos Santo Agostinho, pensamos com Shakspeare, raciocinamos com Claude Bernard e concluímos, por fim, que este pequeno mundo, nos é desconhecido, pela desintelligencia das suas vontades, pelo extraordinario dos seus mais diversos caprichos, pela incoherencia continua dos seus raciocinios.

Ide, fazei convergir sobre os milhões de cerebros da humanidade, a vossa analyse e dizei-me se é possivel, humanamente, procurar, sequer, a sombra das variações infinitas, que um meio intangivel, em numero, de factos e de coisas ahí possa ter determinado.

Ide medir esse mundo de vibrações da dor; ide procurar os luctos da miseria!

Tentativa enlouquecedora, seria essa.

Eis porque odeio esses senhores, cuja dynastia ininterrupta me opprime e me esmaga.

Depois não ha urna que os possa desthronar, não ha revolução que os exile ou guilhotine.

Hão de vir uns, depois dos outros, fataes, terrivis, sentarem-se no throno, com a placidez dos justos, distribuindo por cada milhão de chicotadas um beijo, a envelhecer-nos, a gastar nos até nos atirarem para a cova. E' depois esta desconfiança eterna com cada um d'elles

que entra: — se não fôres tu será teu filho; como na fabula do cordeiro. — se não foste tu, foi teu pae!

Este está prompto. Restam-lhe momentos de vida. — Não passara a historia, não: — foi um trampolheiro, um palhaco.

A bairra da sua cova devem ir chorar todos os vadios, todas as mulheres a quem, n'esse dia, apparecer a primeira ruga, o primeiro cabello branco ou cair o primeiro dente. Estes sim pôdem fazer o, é uma questão de delicadeza e a lagrima é livre.

Diz o Proverbio, que a mulher é sempre melhor o anno que vem; não sei quanto haja de verdade n'esta observação anonyma de passados tempos.

Que ha muito de falso, não me neste duvida alguma, todavia, preciso confessar, que me sotri a esperanza de que o proverbio tenha razão, — uma vez.

Esta idéa consola-me, até certo ponto, e socega-me no receio do novo dominador.

Tolerava-lhe muita coisa, mesmo muita, com esta condição.

As Anardas e as Marillias, parece que armazenaram os sorrisos e os abraços, porque dos poetas contemporaneos, apenas um ou outro nós conta as suas aventuras romanescas, cheias de mysteriosos arrotubos.

O lyrismo escaccia no mercado; os piannos não gemem os acompanhamentos dolentes aos versos *mimosos* dos vates, de cabelleira longa e pallidez anemica, de modo que as meninas, distraídas dos seus melhores enlevos, comecam por ouvir e lêr os discursos da senhora Angelina Vidal. Comeca a roer-lhe o cerebro o phyloxera do socialismo, o altruismo invade-as.

Deus meu, para que reformar a ordem das coisas! Deixae as avesinhas alimentar-se de pollen louro e petalae de lyrios.

Dulcificae vcs corações femininos. Oh! anno tres, do seculo vinte, faz o milagre: deixa-te de liberdades feminis, d'emancipações, de tollices; quando morreres has de dizer como o sr. Voltaire dizia: — morro, deixando o mundo tão tolo e tão velhaco como quando nasci.

Cruel verdade.

Leitor amigo, este já nós passamos com certeza; para o anno se eu tiver de fazer esta chronica, hei de provar-te que o mundo está como Voltaire o deixou, e que ha sempre um anno peor do que o que passa — é o que vem.

X.



Fim do anno

Morre o mez de dezembro. Um anno mais
Que vae cair no pó da Eternidade ..
Mais um anno, ó rapazes que escutades,
A envelhecer a vossa mocidade!...

Fomes e guerras, pestes, vendavaes,
Todo o mal que affligiu a Humanidade;
Podeis voar, fugir, que não deixaes
No nosso peito a minima saudade.

Tudo o tempo reduz ao desbarato,
O convenio, o emprestimo, o contrato
Tudo hoje nasce e tudo amanhã passa...

E' apezar de que o tempo gira e corre,
Só existe uma coisa que não morre:
A eterna, a boa, a universal chalaca!

N.

A ultima hora e a primeira

Ha um velho costume, na Escandinavia, na ultima noite do anno.

Cinco minutos antes da meia noite abrem-se todas as portas e janellas e familias inteiras esperam, em religioso silencio, que saia o velho anno e entre o anno novo.

Em toda a parte do mundo é encantadoramente sentida essa ultima hora, em cujos ultimos minutos, pôde dizer-se que a humanidade civilisada, vive n'uma comunidade de pensamentos, que em nenhum outro dia ou momento do anno pôde alcançar. O mysterioso encanto do futuro que como que se tenta adivinhar, impõe-se a todos os pensamentos.

Que segredos trará no seu ventre, na rude expressão de Schakepeare, — o anno que vaie entrar?

O que passou revê-se em instantes; o que vem interroga-se entre ousadias e receios, como formosa e inabalavel esphinge.

Os novos olham para deante; os velhos para traz.

A familia juntou-se ao redor do fogão; o pae lembra-se dos primeiros tempos da vida, quando começou a trabalhar, a sustentar-se, a ser alguém; nos olhos da filha passa uma luz de funda alegria ao lembrar-se que, ao florir das rosas, ella terá aquelle que d'ahi a um anno esperará com ella o anno novo. No pensamento da mãe, que a olha amorosamente triste, apparece tambem a idea d'essa futura noite em que ella estará ali, n'aquella sala, — mas só!

Dois velhos, mais chegados ao lume veem passar, de subito, por entre as chamas uma pequena visião branca, ephemera e fatua. E' um phantasma querido do passado: a mocidade morta!

Centuplicae esta familia: tereis um mundo.

E' curioso aquelle momento da passagem do anno. Sentimos, todos, a necessidade de que alguma coisa extraordinaria vá acontecer. Chegamos, até, a persuadir-nos de que acontecerá.

O fim do anno!

O anno novo!

Mas não; serenamente, naturalmente, indifferente-mente, o ponteiro toça o zenith do mostrador; levanta-se um ruído, o tinnbre sôa, uma, duas... doze horas; e quando acaba, ja temos do novo anno alguns segundos.

Entrou, como um ladrão, subtil, invisivel e... vive.

Estamos d'entro d'elle; e ha em nós aquella alegria, misturada de receio, de quem embarca pela primeira vez n'um barco novo para uma viagem longa e desconhecida.

A que desconhecidas e formosas regiões apartaremos? que ventos e borrascas nos encherão de perigos a viagem? que males ou que bens nos virão sacudir a alma pelas longas jornadas, por tempos nunca d'antes perpassados?

Quem o sabe?

E' esta a poesia magnifica d'aquella hora, que nós marcamos, por methodo, na unidade eterna e indifferente do tempo, — a hora ultima do anno.

Para essa viagem pelo desconhecido, levantadas as ancoras, enfiadas as velas, — o navio partiu.

Vae dentro a humanidade, e ouvem-se risos e cantares.

E que no topo do mastro mais alto fluctua em todo o comprimento do navio uma flamula enorme bipartida em branco e verde.

E o signo sob que vive a geração dos homens, que a vitaliza e impelle para o futuro, atravez de todas as tempestades da vida, — o signo do amor e da esperanca!

D. C.

Um sonho em noite de Natal

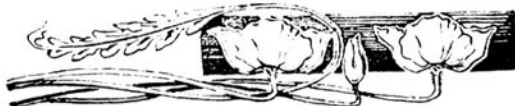
Tive esta noite um sonho alambazado,
Sonho que inda a bailar sinto na mente:
Sonhei que estava á meza e tinha em frente
O peru do Natal, e receiado!...

Grande garfo na mão tinha empunhado,
Grande faca tambem; e, de repente,
Dando aos dentes queixacs magistralmente,
Dei conta a mais completa do recado!...

Dei á barriga as fôrmas d'um bahu;
O estomago lá fez o seu trabalho...
Mas, oh! macaca atroz! oh! fado cru!...

Fado acima mil vezes de bandalho!...
Em lugar de arrotar ao tal peru,
Acordei a arrotar a assorda d'alho!

L.



Princesa de... Saxe

A fuga de uma princesa de Saxe para os braços d'um professor de francez, tem agitado as cabeças dos noticiaristas e feito explodir grande numero de considerações philosophicas, sobre o estranho e sensacional do caso.

Estamos ainda no tempo em que isto causa espanto? Não estamos. E' tudo a fingir.

Por essa historia fora, de seculos e seculos, é o que falta são rainhas com validos de classes baixas, princezas, fidalgas, duquezas e grandes damas amancebadas com toda a casta de cavalheiros de posições sociaes indefinidas.

No *Hig-life* de todas as grandes cidades d'hoje, de todos os paizes, ninguem ignora a patuscada sensual, que vive mal encoberta, e se ostenta debaixo da gaze das relações mundanas, bailes, pic-nics, almoços, por salões e praças e chas... de todas as horas.

N'essa orgia galante de ha muito se confundiram os sangues dos velhos barões senhoreaes, cheios de globulos azues, com o dos filhos dos antigos servos cheios de globulos de oiro.

Os melhores nomes, pela velhice, superiores ainda aos dos que occupam thronos, tem entrado na dança, e dancando o can-can de Venus, até ás alturas... da liga.

N'este admirar, não ha pois sinceridade; e só se percebe ou o desejo de ferir pela publicidade, ou a exposição de um do fingido, — por hypocrisia.

Todos os maus exemplos e sobretudo os que veem do alto é do dever o clarem-se.

A sua vulgarisacão só pôde trazer e fazer o mal.

Mas desde que a doentia curiosidade da multidão os exige, para pasto, seria bom commental-os, debaixo dos bons principios da moral.

Vel-os apenas pelo lado exotico de crimes heraldicos, é banal ante a physiologia e o senso commum.

Toda a gente sabe hoje que uma princeza, é perante um homem de que gosta uma mulher igual a qualquer outra e que, se cae da cadeira abaixo, se parte com a mesma facilidade quer seja de Saxe, quer seja de barro das Caldas.

Quando é que esta gente deixará de se metter com a vida privada dos outros?

Para isto é que não ha um juiz Veiga! C. Z.



Vagidos

Recebemos e agradecemos o volume de versos com este titulo.

São versos de um novo, muito novo ainda, mas que revela um temperamento poetico e promettem para o futuro, mais sazoados fructos. Agradecemos.

Os pedidos devem ser feitos a Pereira & C.^a, rua dos Correiros, 92, 4.^o, Lisboa.



A Arte em Portugal

Não ha que duvidar. A crise de que enferma a sociedade portugueza é essencialmente moral. Mas não é só na politica que a villania dos homens amoldaca as consciencias dentro do peito deshonrado. Cumpre generalisar a phrase candente a todas as intervenções sociaes. Assim, para me cingir ao caso, que quero tratar, da arte portugueza, no indeciso periodo que atravessamos, deve-se accentuar que muito se enganaria quem a julgasse em circumstancias de maior pureza do que as da politica nacional. Uma e outra equivaliam-se, na misera situação a que chegaram.

Não é só para assaltar uma pasta ministerial ou uma cadeira legislativa em S. Bento que se recorre aos processos mais vis e vergonhosos que abastardam e deprimem as manifestações da intelligencia. A burla, o logro, a mystificação grosseira e o cynismo desmascarado, estão na ordem do dia para todas as victorias fauceis; o galopim que, por artes de prestidigitación, nos rouba o voto, é irmão gêmeo do litterato que, afflixando um sentimento falso como Judas, nos proclama princípios convencionaes que nos desorientam; um vai para o Terreiro do Paço, outro para a Academia, esses dois focos da delapidación sem rebuco ou do dogma com ranco, — e a ambos move o mesmo interesse sordido, ambos rastejam na mesma ignominia, para depois se levantarem na mesma ridicula, mas perigosa supremacia!

Tudo, em volta de nós, além de problematicos riscos de fronteiras, vibra e se commove ao sopro de novas idéas e de generosos sentimentos, expressos com essa formosa e desesperadora simplicidade a que só attingem, na torturada arte de escrever, os grandes cerebros irmanados aos grandes corações, — não ha nada que se não aproveite, na Realidade, para fazer viver um beijo que se desterrou em labios imaginarios; não ha detalhe que da Natureza se não recolha para dar linha e som e cor á idéa corporisada na palavra. De toda a parte, como avança um mar, na marcha tranquilla da sua força, um hymno de libertação chega aos nossos ouvidos, não ja n'um brado violento de morte, mas n'um canto pacifico de vida. A intellectualidade cosmopolita congregou-se toda na mesma cruzada; dir-se-hia que assistimos á formação d'uma estranha maconaria que une na mesma palavra de ordem todos os espiritos privilegiados da terra. Reclama-se Justiça, prega-se Bondade. E' a voz de Tolstoi, é a de Zola, é a de Galdós? Quasi que se não sabe, de tal forma se confundem esses idiomas estrangeiros n'uma so lingua-gem universal que se trazez, mais do que no ouvido, no coração. E' um canto, — o Ideal, enfim, tornado um appello redemptor á Vida!

Mas este appello, escutam-o os outros povos dos labios dos seus apostolos, na mesma lingua, original e amada, em que está a alma da sua terra e o azul do seu céu. A nós não nos succede outro tanto. Essa arte, que é feita para o povo, porque interpreta as suas esperanças e illumina o seu futuro, é desconhecida do povo portuguez. Só um pequeno grupo de privilegiados por circumstancias de educação a conhece e a goza, — porque é um indefinivel goso ouvir uma bella voz vestir de eloquencia as nossas aspirações que balbuciam e tremem na penuria da sua hesitação.

Com effeito, essa arte que é feita para todos os povos, para todas as racas, para todos os homens, nós, — aquellos mesmos que a podemos comprehender, — temos que a lêr n'uma lingua estrangeira. Vale nos, na generalidade, a vulgarisação franceza. Vem-nos da França, como uma corrente de novo ar, essa rajada de idéas que atravessa os Pyreneus, dentro d'uma caixotada de livros, com a marca de Paris. Mas esse beneficio não é, para nós mesmos, isento de desgosto, — porque comparamos, e soffremos com essa comparação.

Sim, o contraste não pôde ser mais frisante. Lá

fôra, tudo avança; a banalidade rhetorica está banida como um brinquedo de creanças; comprehende-se a missão da arte e, reivindicando os seus direitos, accetam-se os seus deveres; trabalha-se com o espirito para uma grande colheita de almas como se trabalha com o braço para uma grande seara de pão; a penna é já, a valer, aquelle *bon et male outil, bon aux fortes mains*, de que falou um homem que lhe sabia o peso e que foi um valente batalhador d'uma causa perdida, Louis Veuillot; gerações inteiras caminham para a batalha das idéas com o grande estímulo d'uma voz nacional, que sóa como a voz materna, a mandal-as avancar contra o Preconceito; os paizes pequenos e escravizados tem d'essas vozes: a Suecia tem Ibsen, a Polonia tem Sienkiewicz, a Hespanha tem Galdós, — e só em Portugal, como se fôra Marrocos, não se encontram vozes que traduzam, com um esforço igual de arte, esses pensamentos de que já se encontram possuidos os paizes intellectuaes, esses robustos princípios que já se vulgarisam lá fôra, exercendo a sua bemdita missão educadora, quer dizer: satisfazendo almas e formando caracteres.

Porque? Porque esta falha, duplamente lamentavel para a Arte e para o Progresso? Falei em *formação de caracteres*, lá fôra: o mesmo foi evocar, por associação de pensamentos, a nossa crise moral. E n'ella está a explicação cabal do phenomeno. Porque, — esta é a verdade, — nem os escriptores consagrados nem os novos profissionaes das Lettras cumprem o seu dever. Nem uns nem outros, — esta é a verdade, — se preocupam n'outra cousa que não seja o culto da sua vaidade ou as premeditações dos seus interesses. Os consagrados, muito embora alguns tenham começado por adaptar a sua arte ás idéas novas do seu tempo, anquilosaram-se nos seus triumphos, e pode arder Troya que ninguem os arrancara a sua quietação beatifica. Qual d'esses velhos escriptores imita, por exemplo, Zola, subordinando sempre a sua poderosa intelligencia aos modernos ideaes?

Entre os *outs*, que formam a litteratura de 2.^a, 3.^a, 4.^a classe, e etc., não se pensa senão em obter a protecção dos consagrados, á custa dos mais baixos servilismos que podem deshonrar gerações. Assim, copiam-se os seus gastos processos; fala-se a sua linguagem inexpressiva já a ouvidos que requerem outra audição; exprimem-se apenas as suas mesmas idéas de ha trinta ou quarenta annos. Não ha originalidade, não ha viveza, não ha esse espirito de combatividade que mesmo, cedendo ao impulso da ambição, e á sede de gloria, e errando em seus intuitos, aquece comtudo a alma dos que amam a mocidade nas manifestações do seu espirito insubmisso. Eca caracterizou bem este estado juvenil, dizendo que os que lhe succediam davam ares de caminhar encostados a muletas. Pois agora é peor: rasteja-se. O invalido ainda é um homem; o reptil nunca o será.

Em face d'um publico que já conscientemente requer idéas verdadeiras e sentimentos authenticos, ergue-se pois esta litteratura amorpha, incaracteristica, vasia e immoral. Um ou outro brado tem caído, como uma pedra, n'este pantano. Mas falta cohesão a todos esses esforços, emquanto que da parte dos altos egoistas impenitentes e dos primitivos mediocres se forma uma barreira impenetravel de elogio mutuo, de auxilio mutuo, e igualmente de silencio mutuo sobre a appareição de taes clarões. — porque o silencio é tambem uma despresivel justificação dos caracteres vis e das almas seccas.

Tal é a situação, tal é o quadro da arte portugueza, — chamemos-lhe assim, — n'este inicio d'um seculo predestinado. Vendo-o, sentindo-o, com a dôr, a indignação e a revolta com que eu o vejo e o sinto, não ha nin-

quem, de rosto descoberto e alma franca, que possa vir dizer-me que advoga este *statu quo*, o qual deve já esfarelar de espanto pela sua impunidade os que o desfructam e fazer corar da sua fraqueza os que o continuam poupando. A crise é moral! Pois bem, seleccionemos os caracteres. Em toda a linha, — daqui, d'ali, de toda a parte. Purifiquemos a Arte, e depois poderemos batermo-nos com valor, princípios contra princípios. As pennas não são gazuas de gatumes nem punhaes de *contottieri*: são espadas para os bens combates, à luz do sol!

M. G.



Muita sorte

Nasci n'um domingo gordo
Em que tudo andava louco:
Já hoje não me recordeo
Se chorei muito, ou se pouco.

Certa bestinha que zurra
Serviu-me como de mãe;
Creei-me a leite de burra,
Mas não dei coice em ninguém.

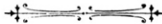
Fui p'ra um mes e de guedelhas
Entre bom e entre ruim;
Dava bons puxões e'orellias,
Mas nunca m'os deu em mim.

Entre a coçar na *bola*,
Fiz versos em varios tons;
E encontrei gente tão tola
Que até lhes chamava bons.

Casei co'a neta d'um cura,
Seis filhos deu-me ella a fio;
Mas tive logo a ventura
De todos terem fastio.

Minha mulher, de Valencia,
Era robusta, era forte;
Mas a primeira doenca
Caiu nas unhas da morte.

Vivo deveras contente,
O vento a feição me corre:
Vejo uma sogra doente
E já me dizem que morre.



Resposta a tempo

Famoso pregador, que um dia se *tachou*,
Ao pulpito subiu e diz: «*Fieis christãos*,
Com peixes cinco mil e uns outros tantos pães
Cinco pessoas Deus á farta sustentou!»

Barbeiro do logar no caso reparou
E disse á meia voz, mostrando os seus desdens:
—«Como tu já estás... e com que tu cá vens!
De milagres assim tambem capaz eu sou.»

No outro anno o padre é sabio d'alto tomo.
Diz correcto o sermão, por não estar *tachado*,
E pergunta ao barbeiro em tom de grande assomo:

—«Esta fará você, seu grande desalmado?»
O barbeiro: — «E sem custo. — Então diga-me como?»
—«Dando o que sobejou do pão do anno passado!»

NOTE

Vejo o anno passado
Sem deixar pena a ninguém
O mesmo se ha de dizer
No fim do anno que vem.

GLOSA

Passa um desejo, outro nasce,
Morre um anno, outro aparece:
O que morre logo esquece
P'ra que o nascido se abraçe:
O que entra, na alegre face
Traz um sorriso estampado
Deixa logo esperançado
Nas suas lidas o povo:
Assim para entrar o novo
Morreu o anno passado.

O velho foi de promessas,
Não merece necrologio.
Porque faltou o relógio
De regular as cabeças;
O tributo entrou em pressas
E correu por hi alem;
O pobre não comeu bem,
Ficou devendo á taberna...
Poz-se o velho, pois, na perna,
Sem deixar pena a ninguém.

Dizem que o anno inda em flor
Acena ao povo interesses...
Porém eu cá não sou d'esses
Que contam com o melhor:
Peco a Deus, Nosso Senhor,
Que peor não venha a ser:
E para mim quero erer.
Que, se o velho, levou pragas,
Do novo que, o povo, atagas
O mesmo se ha de dizer.

Mas seja o que a Deus apraza
No céu, no mar e na terra,
E, se rebentar a guerra,
Não seja por nossa casa;
Quem tem sardinha e tem brasa
Coma, e reparta tambem;
Não mate a fome a ninguém,
Erga-se ao que a sorte roia...
E demos balanço á loja
No fim do anno que vem.



EXPEDIENTE

Aos nossos assignant's da provincia pedimos a fineza de nos remetterem a importancia das assignaturas em vale do correio ou carta registada, afim de não soffrerem interrupção na remessa da COMEDIA PORTUGUEZA, no anno que vae começar.

A CAPA D' A COMEDIA PORTUGUEZA

A CÔRES E DOURADA

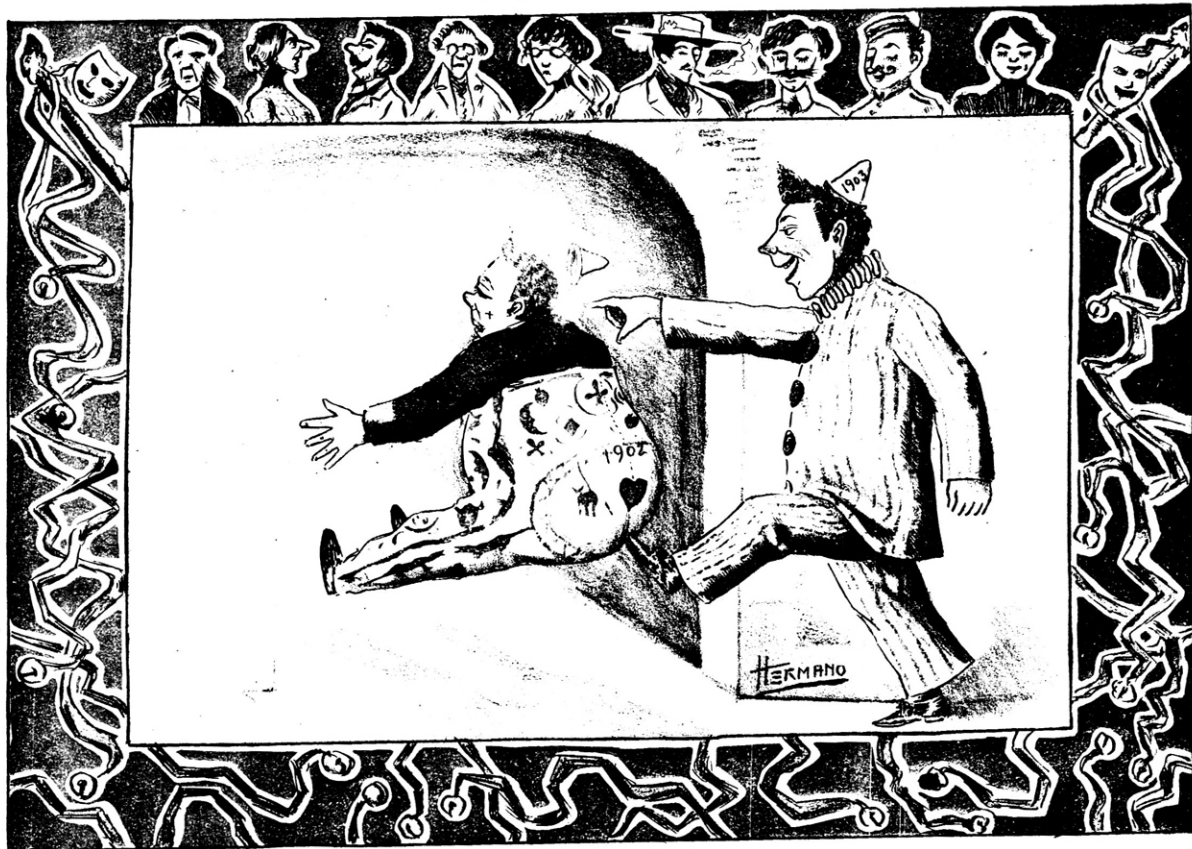
PARA O 1.º VOLUME

Preço 600 réis

A administração encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos da provincia para remessa de capas, devem ser acompanhadas de mais 40 réis para porte do correio.

A LEI DÁ VIDA



Vuete despir... que jii não tens graça nenhuma.